
A POESIA SACRA
DE
ANTÓNIO DA FONSECA SOARES

Do manuscrito 49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, Portugal

Carlos Eduardo Mendes de Moraes
Organizador



2022

**A POESIA SACRA
DE
ANTÓNIO DA FONSECA SOARES**

Do manuscrito 49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, Portugal

Carlos Eduardo Mendes de Moraes
Organizador



2022

2022 by Editora e-Publicar
Copyright © Editora e-Publicar
Copyright do Texto © 2022 Os organizadores
Copyright da Edição © 2022 Editora e-Publicar
Direitos para esta edição cedidos
à Editora e-Publicar pelos organizadores

Editora Chefe

Patrícia Gonçalves de Freitas

Diagramação

Roger Goulart Mello

Assistente de diagramação

Lucia Helena Antunes de Moraes

Projeto gráfico e Edição de Arte

Patrícia Gonçalves de Freitas

Revisão

O organizador

Todo o conteúdo da obra, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos organizadores e autores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos organizadores. É vedada a realização de alterações na obra, assim como sua utilização para fins comerciais.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P745 A poesia sacra de António da Fonseca Soares [livro eletrônico] : do manuscrito 49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, Portugal / Organizador Carlos Eduardo Mendes de Moraes. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5364-099-3

DOI 10.47402/ed.ep.b202218490993

1. Poesia sacra. 2. Soares, António da Fonseca – Crítica e interpretação. I. Moraes, Carlos Eduardo Mendes de.

CDD 869.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editora e-Publicar

Rio de Janeiro, Brasil

contato@editorapublicar.com.br

www.editorapublicar.com.br



Organizador

Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Autores

Heloísa Viccari Jugeick Beline
Carla Caroline de Oliveira dos Santo Beloto
Amanda Mimoso Rodrigues Coelho
Jorge Luiz de Oliveira Costa
Joelma Bárbara da Silva Damasceno
Luís Fernando Campos D'arcadia
Letícia Bonesso Gomes
Dimas Caetano do Nascimento
Josias de Oliveira Nunes
Cristina Mascarenhas da Silva
Flávia Renata da Silva Varolo

Estudos Sobre as Formas Poéticas:

Heloísa Viccari Jugeick Beline

Editor responsável

Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Editores

Carla Caroline de Oliveira dos Santos Beloto
Amanda Mimoso Rodrigues Coelho
Jorge Luiz de Oliveira Costa
Joelma Bárbara da Silva Damasceno
Luís Fernando Campos D'Arcadia
Letícia Bonesso Gomes
Dimas Caetano do Nascimento
Josias de Oliveira Nunes
Cristina Mascarenhas da Silva
Flávia Renata da Silva Varolo

Prefácio

É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem.

Émile Benveniste

A publicação do livro **A poesia sacra de António da Fonseca Soares** (Do manuscrito 49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, Portugal) resulta do sério comprometimento acadêmico-científico de Carlos Eduardo Mendes de Moraes, filólogo e professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, *Campus Assis*, em adquirir originais e investigar a poesia religiosa de autoria de Antonio da Fonseca Soares/ Frei Antonio das Chagas, por meio do cotejamento dos manuscritos disponíveis em Portugal, transcrevê-los e torná-los acessíveis ao público falante de Língua Portuguesa. As consequências de examinar *in loco* os manuscritos não somente resultou em inserir Moraes em uma rede de sociabilidade internacional, que envolve bibliotecários, cientistas e bibliófilos, mas também realçar o interesse de estudiosos brasileiros pela poesia religiosa portuguesa do século XVII.

O fato de os membros do Grupo de Pesquisa Manuscritos e Impressos Luso Americanos (GPMILA), da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, liderado por Moraes, publicarem poemas sacros inéditos de Antonio da Fonseca Soares/Frei Antonio das Chagas (1631-1682) torna-se fundamental, no cenário cultural e acadêmico brasileiro. Na verdade, Fonseca Soares/Chagas revela-se importante referência de estudo pelas características *suis generis*, que sua vida e sua obra imprimem à realidade social, estético-literária e religiosa do seiscentismo. Antonio Fonseca Soares/Antonio das Chagas, criador literário, se submete à impossibilidade de se fechar em si mesmo, identifica-se por meio de dois nomes distintos, cada um com uma identidade própria, para instituir sua vida entre o laicismo e a religiosidade, com o intuito de espelhar/symbolizar uma

dualidade característica período em que vive. A dupla identidade literária de Antonio da Fonseca Soares/ Antonio das Chagas, certamente, pode oportunizar uma investigação de sua obra e descobrir questões socioculturais em circulação na sociedade portuguesa do século XVII. Eis uma das razões para a leitura **A poesia sacra de António da Fonseca Soares** (Do manuscrito 49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, Portugal).

Embora os limites entre mundano e o religioso possam funcionar como um fazer ligado à vida, à cultura e à espiritualidade, não nos é possível falar de uma agregação de duas instâncias criadoras. A trajetória humana tem revelado casos irrefutáveis de que o mundano e o religioso fazem parte da vida humana. O que nos interessa particularmente é que a produção sacra de Antonio Fonseca Soares/ Antonio das Chagas publicada nesse livro é uma criação profundamente individual, elaborada na singularidade de um afastamento biográfico de sujeito que vivencia intensamente a realidade social, explícita por meio de suas obras.

Além disso, a criação literária religiosa de Antonio da Fonseca Soares/ Antonio das Chagas constitui fonte de pesquisa da poesia sacra lusófona seiscentista, por sua importância linguístico-literária, uma vez que a religiosidade se refere a uma das manifestações da espiritualidade cristã materializada em textos literários dos séculos XVI e XVII. Neste sentido, a leitura dos poemas publicados em **A poesia sacra de António da Fonseca Soares** pode aflorar valores espirituais perenes e até mesmo despertar diferentes estudos que enfoquem, entre temáticas literárias e linguístico-estilísticas, o que se entendia como religiosidade no século XVII, cujo resultado pode contribuir para a consolidação de um campo epistemológico, inclusive da Teologia Espiritual, uma das mais recentes dentre as disciplinas teológicas.

A publicação de **A poesia sacra de António da Fonseca Soares**, sem dúvida, acende uma luz sobre a pesquisa de natureza acadêmica voltada à autoria de Fonseca Soares/Chagas e à sua produção escrita. A canção, os sonetos, tercetos, romance e décima, registrados nesse livro, nos surpreenderam,

principalmente, as construções arcaizantes, típicos da Contrarreforma, emancipados pela Igreja do século XVII. Dessa forma os textos de Fonseca Soares/Chagas revelam uma profunda religiosidade, que nos faz lembrar o teocentrismo medieval, ao mesmo tempo em que podem servir de base para a construção de outros textos literários, que retratem a espiritualidade com outras perspectivas que visem à sua atualização.

Para encerrar, gostaria de explicitar que tornar pública a poesia sacra de Fonseca Soares/ Chagas viabiliza a diferentes leitores a oportunidade de partilhar um trabalho elogiável e competente, que exigiu muito empenho e dedicação de Moraes e dos membros de seu Grupo de Pesquisa. Com certeza, esse livro contribui com os estudos da Literatura Portuguesa do século XVII, da Filosofia, da Sociologia da Religião; além disso, diversifica para outras áreas configuradas e amplia, principalmente, a possibilidade de um olhar histórico-linguístico sobre esses textos. Trazer a discussão sobre Antonio Fonseca Soares para o espaço acadêmico pareceu-me uma ótima oportunidade de relacionar a pesquisa à vida e à sua dimensão religiosa como uma expressão de esperança que conecta e integra a existência humana em uma totalidade.

São Paulo, agosto de 2022.

Jarbas Vargas Nascimento

Sumário

PREFÁCIO.....	5
INTRODUÇÃO.....	9
António da Fonseca Soares e Frei António das Chagas.....	10
António Correia Viana (1750-1785): editor e bibliófilo.....	11
A coletânea de poemas que deu origem à publicação.....	13
Apresentando a obra. Cara Leitora, Caro Leitor,.....	16
A OBRA.....	19
Canção.....	20
<i>En la estación más bela</i>	21
Soneto.....	26
<i>Quien, si nó voz, en lamina grocera</i>	27
<i>Quando pondero mi falible estado,</i>	28
<i>Na Santa habitação desta Clauzura,</i>	29
<i>He a vaidade (Fábio) desta vida</i>	30
<i>Este farol do Ceo, Timbria Luzida:</i>	32
<i>São neste Mundo Império da Loucura,</i>	34
<i>Hoy, que los faustos de la Humana pompa,</i>	36
Terceto.....	37
<i>Nesta escondida e muda soledade,</i>	38
<i>Entre o sagrado horror desta Clauzura,</i>	45
<i>Da Academia de Marte, em cujo estudo,</i>	70
Romance.....	75
<i>Como he isto, meus olhos,</i>	76
Décima.....	79
<i>Piedoso Senhor já entendo</i>	80
<i>Meu Deus, Rey da Eternidade</i>	82
BIBLIOGRAFIA.....	88
Fontes Impressas Citadas.....	89
Fontes Manuscritas Citadas.....	92
POSFÁCIO.....	93
A responsabilidade do GPMILA.....	93
Notas.....	94
ORGANIZADOR.....	99

INTRODUÇÃO

António da Fonseca Soares e Frei António das Chagas

Alguns questionamentos costumam acompanhar a publicação de um livro de poemas inéditos, principalmente se o livro trata de poemas portugueses, que ficaram à margem do conhecimento do grande público, por quase quatro séculos. Assim começa nosso diálogo com esta Leitora e com este Leitor da *Poesia Sacra de António da Fonseca Soares*. Iniciemos. Nossa primeira preocupação é tornar conhecido o poeta, mais do que responder a questões que cabem melhor à academia.

O poeta português António da Fonseca Soares foi um jovem de capacidade destacada para a escrita, embora tenha também exercido outras atividades. A mais curta delas foi sua vida militar. O soldado, no exercício de sua função, chegou ao posto de capitão e, durante sua trajetória, participou de campanhas militares em auxílio da Coroa Portuguesa. Ao mesmo tempo, graças à sua formação, já escrevia e era famoso por seus poemas – pasmem – amorosos, eróticos e circunstanciais.

Assim, sem querer ter introduzido sua segunda ocupação (que na opinião de todos os editores deste livro foi a melhor), afirmamos que foi também um poeta de destaque, que no seu século de existência fez frente a nomes como o “Boca do Inferno” Gregório de Matos e Guerra e outros que igualmente são sempre lembrados entre aqueles que se destacaram nos anos mil e seiscentos. Para ser breve na apresentação do nosso poeta, ele é senhor de uma tradição manuscrita de 926 poemas (esta tradição refere poesias não impressas, tanto pela preferência do público letrado por temas mais sisudos, quanto pelo fato de concorrerem com os modelos que afamaram – ou difamaram – poetas como o nosso Boca do Inferno).

Esse Fonseca cantou as floristas, as vendedoras de frutas, as lavadeiras, as costureiras, as frequentadoras das cerimônias religiosas, as damas recatadas e as oferecidas, as jovens e as senhoras, as cortesãs e as desfavorecidas. Cantou tantas mulheres em seus poemas, que acabou por desistir da vida de amores (não se sabe se amores apenas poéticos ou, de fato, consumados), principalmente depois de ter-se envolvido em um duelo (coisas *absurdas* da “honra” masculina daqueles tempos...), do qual saiu-se como matador de seu oponente. Daquele momento em diante, experimentou a fuga para o Brasil, a desistência da farda e várias tentativas de conversão para a vida religiosa, até assumir, por volta dos seus trinta anos de idade, o hábito como franciscano, adotando o nome religioso Frei António das Chagas.

Na vida religiosa, foi um pregador apaixonado pela função e, graças ao domínio da retórica e da poética, que trazia estudadas desde a adolescência, destacou-se também nesta arte, chegando a rivalizar em discurso com seu oponente Padre Vieira (e certamente suas “diferenças” foram o envolvimento político de Vieira, que não era exatamente o campo de atuação de Chagas).

Diferentemente da obra poética (seguramente a forma mais rica de manifestação de sua arte de escrever), na escrita religiosa o Frei António das Chagas foi bem-sucedido na difusão de seus escritos. A pesquisadora, professora universitária, diplomata e poetisa Maria de Lourdes Belchior Pontes, nos anos 1950, colecionou 16 publicações impressas, algumas que chegaram a atingir 6 edições (até o ano de 1950!)ⁱ.

Entretanto, os poemas que compõem este livro não figuraram nesta vasta produção impressa. Constituem uma espécie de poesia intermediária, que foge às características de sua obra dos tempos de Fonseca Soares, chamada pelo Padre Godinho (1762, p. 40) de “poesia mundana”:

Feita a Profissão de espirito tão principal nàs mãos do principal Prelado da Província, como tenho dito, dahi a poucos dias o passárão seus Superiores para o Convento de Setuval com outros muitos Religiosos, e companheiros, ordenando-o assim a obediência do Principe Dom João de Astúria, que governava as armas Castelhanas, tendo-lhe cedido Évora as Portuguezas, para se lhe mostrarem mais fortes nos peitos, que nas muralhas. E ficou entendendo Fr. António nessa sua primeira mudança, que Deos lhe mudara o exercício, não o officio; pois obedecia ainda como 'Soldado aos Cabos da milicia mundana. Aos Apostolos tirou Christo de peccadores de peixes, para os deixar pescadores, mas de homens. A Antonio de Capitão de Cavallos, para o fazer Capitão de seus exércitos.

Estes poemas foram colecionados pelo editor e bibliófilo António Correia Viana no ano de 1776 e estiveram guardados nos arquivos da Biblioteca da Ajuda (Lisboa, Portugal), até nossos dias. Hoje, com imensa satisfação, nós, que compomos o Grupo de Pesquisa Manuscritos e Impressos Luso Americanos (GPMILA), da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, temos o privilégio de trazê-los a público, para que Leitoras e Leitores que apreciam boa poesia e memória de nossa língua portuguesa possam apreciá-las.

António Correia Viana (1750-1785): editor e bibliófilo

As fortunas críticas são muito importantes. Às vezes revelam dados e situações que podem marcar o destino de uma obra por muito tempo, até que algum pesquisador, algum admirador da obra, ou do próprio autor, disponha-se a debruçar sobre o material e dar-lhe uma visão (e às vezes até um destino) diferente. É um dos princípios fundamentais para se estabelecer essa “fortuna crítica”, lançar ao público o material que pode então ser lido, analisado e debatido, de acordo com suas características.

Curiosamente, no caso dos estudos sobre a poesia de António da Fonseca Soares, cruzaram-se duas fortunas críticas que foram malsucedidas por algum tempo. A referência às composições religiosas do Frei António das Chagas *versus* a fortuna desfavorável do poeta António da Fonseca Soares. Uma pessoa, duas críticas totalmente distintas. O poeta teve a sua obra “dividida” em duas fases, a

“mundana” e a “religiosa”. Na fase dita mundana, demonstrou, como já afirmamos acima, a sua riqueza poética, tratando de temas populares, amorosos e mesmo utilizando-se da poesia para estabelecer as suas relações profissionais enquanto militar, compondo poemas heroicos e cartas poéticas nas quais tratava das questões relacionadas aos feitos do exército português. Ficou conhecido como o “Capitão Bonina”. Já na religiosa, mergulhou na fé católica e tornou-se o “Fradinho” nome conhecido da literatura portuguesa.

Outra fortuna crítica que importa diretamente para esta publicação é a do bibliófilo António Correia Viana, cuja vasta obra é tão importante quando visitamos e compulsamos os catálogos das bibliotecas portuguesas em busca de material manuscrito acerca da escrita portuguesa dos séculos 17 e 18. Apesar da idade jovem que contava quando morreu, apenas 35 anos, Correia Viana é responsável reunir obras de vários escritores portugueses até meados do século 18. Entre eles, a do nosso Fonseca Soares. Todavia, quando buscamos seu nome entre os colecionadores que realmente importam para os estudos sobre fontes primárias, especialmente da literatura portuguesa, pouco encontramos e, nesse pouco, coisas negativas como a referência à qual o dicionarista Innocencio Francisco da Silva faz sobre ele no seu *Diccionario*, datado do século 19, afirmando que falara pouco sobre o editor porque era preciso economizar tinta para gastar com nomes mais importantes.

ANTONIO CORRÊA VIANNA, poeta ou antes versejador mediocre, que viveu na segunda metade do seculo passado, e hoje se acha totalmente ignorado, e confundido na turba immensa dos que por aquelle tempo publicaram composições avulsas de prosa e verso, em circumstancias de regosijos e tristezas publicas, de que se formaram numerosas colleções, que ainda alguns curiosos conservam. A primeira d'este genero em que encontro versos do referido auctor é a que em 1750 se reuniu por occasião da morte d'elrei D. João V; comprehende quatro bons volumes de 4º, e não a presumo completa. Depois d'esta ha, e tenho, outra semelhante do que se compoz allusivo á acclamação d'elrei D. José, 1762, um vol. dito; á acclamação da rainha D. Maria I em 1777, outro vol. dito; - á morte do referido principe do Brazil, outro dito etc. etc.. Em todos ou quasi todos apparecem sonetos, eclogas, romances, etc. do sobredito Vianna; porém, como já fica advertido, intendi quer não havia de encher com a ennumerção de taes obras paginas do Diccionario, que alias cresceria desmesuradamente sem utilidade alguma dos leitores (SILVA, 1858, v 1. p. 116).

Todavia, foi este *nome sem importância* que reuniu 720 poemas de Fonseca Soares, em 9 volumes manuscritos, constantes do acervo da Biblioteca da Ajuda, organizando-os em Poesia Sacra, Poesia e Alguma Prosa, Romances e Romances Castelhanos, e finalmente outros dois volumes, acrescentados ao monumento, posteriormente à organização dos primeiros.

Falaremos sobre a importância deste trabalho na próxima seção.

A coletânea de poemas que deu origem à publicação

Os poemas que deram origem aos manuscritos da Biblioteca da Ajuda foram reunidos por António Correia Viana no período registrado nas páginas iniciais de cada volume entre os anos de 1776 e 1783. O primeiro desses volumes, codificado pela Biblioteca com a cota 49-III-74, refere-se à poesia sacra do Frei António das Chagas, e é objeto desta publicação que aqui se apresenta. Sobre ele, é fundamental informar que esta poesia sacra é obra produzida depois de Fonseca Soares ter assumido a condição de religioso, mas trata-se é uma produção fronteira entre o abandono da vida de poeta das coisas do mundo e a assunção da condição de escritor das coisas de Deus, ou da religião.

O pregador Frei António das Chagas, como passou a ser chamado, renunciou, entre outras coisas, à expressão poética. Entretanto, a sua capacidade de escrita desenvolvida ao longo de sua formação e de sua vida anterior à condição de franciscano não deixa dúvidas da interferência que este conhecimento de retórica, de poética, de filosofia e de estudos clássicos exerceu sobre seus novos escritos.

Os poemas colecionados por Correia Viana não são aquela obra religiosa que teve fortuna favorável e acabou impressa em diversas edições. A *Poesia Sacra de António da Fonseca Soares*, da forma como foi apresentada pelo editor, não permite que estudiosos da fortuna crítica do poeta estabeleçam uma divisão de duas fases de sua vida, como aconteceu até o final do século 18, senão pela mudança do nome. A rigor, a reunião da poesia sacra de Fonseca Soares é documento que atesta o seu pendor para a expressão religiosa como um aspecto da vida, tão importante e corrente como o amor pelas mulheres, as cartas aos amigos e companheiros influentes, etc. Esse dado se comprova ainda com a profusão de termos religiosos, metáforas religiosas e referências à liturgia que se encontram mesmo nos poemas mais picantes e eróticos de seu romanceiro, como se pode observar, por exemplo, neste poema que aqui utilizamos para ilustração:

Ms. 49-III-76, fls. 304-307. Romance. Resposta ao Escrito que lhe escreveu huma Dama, a quem queria, convidando-o a que lhe fosse falar; quando a tinha experimentado rigoroza.

*Minha Santinha: Este instante
me chegaram novas vossas;
e em ser isto dita minha,
me pareceu coiza nova.*

*Ventura grande parece:
Mas eu não me admiro agora:
pois que tenho em vossa grassa
a ventura por devota.*

*Sabe o Ceo, com quantas ancias,
nos ermos da minha Alcoba,
de não goardar essas regras
faz penitencia a memoria.*

*Mas hoje, hei de ír a vervos,
anda a minha alma tão doida,
que com ser toda Cartuxa,
se vay sahindo das conchas.*

*E he tal o gosto que tenho;
que crêde, que nesta hora,
nas voltas do touro, têmo
darme o medo huma volta.*

*Mas se são da Caridade
as Obras tão meritorias:
Minha Flor, porque comigo
não quereis ser caridoza?*

*Sou no amarvos, hu Santinho
E vós muito folgazona,
Lá na vossa zombaria
comigo jogais a choca.*

*Quereis, por matarme ingrata
ser má Christan: quando fôra
melhor, dar-me vida amante,
que matarme rigorosa.*

*Não vedes o que vos quero.
E que a Deos, todas as horas
péssso, que na vossa grassa
me conserve a vida toda?*

*Para que sois malfazeja;
se Deos manda, que as pessoas
fassam bem o que Deos manda,
e se amem como a sy proprias?*

*Vede as lástimas, e as ancias,
com que sempre maviozas,
as mininas dos meus olhos
vos pedem mizericordia.*

*Olhay para o pobrezito
de meu coração; que agora
das migalhas dessa neve,
vos pede humilde huma esmola.*

*Vêde qual estou, minha Alma:
Não queirais, não, que hoje côrra
este mal por meus extremos,
e ésta cruz por vossa conta.*

*Não mais, n'uma roda viva
me tragais, pois será forsa,
que rodando a confiansa,
não vos ande mais á roda.*

O poema revela tom de zombaria na relação eu lírico *versus* cortejada, quando aquele se refere como “pobrezito... do coração” e roga “humilde uma esmola” para a “Santinha”, a má cristã. A esmola, nesse sentido, trata-se dos *favores* que a Santinha supostamente oferece a tantos outros, mas nega ao eu lírico, cuja “alma anda tão doida, com ser toda Cartuxa”.

Todavia, como se observa nos negritos com os quais destacamos alguns trechos, que o poema trata de uma antítese entre a Páscoa da vida de liberdades (ou libertinagens) vivida pela Santinha e a Quaresma (ou a repressão aos desejos) relatada pelo eu lírico. O ponto de confluência, no entanto, se faz com o vocabulário dos princípios cristãos (os mandamentos, a misericórdia, o amor ao próximo) e a liturgia (a Quaresma, a Páscoa), diluídos em um processo retórico de argumentação em torno da persuasão da Dama, no sentido de que ela aceitasse o convite para um encontro.

Uma última palavra sobre os processos retórico-poéticos praticados até o final do século 18. A sociedade portuguesa, tal como se encontrava estruturada em torno da monarquia absolutista, tinha especial apreço pelas questões de nobiliarquia, conseqüentemente, de hierarquia. Esse apego à hierarquia, entre diversas questões das quais o GPMILA trata no estudo da obra de António da Fonseca Soares, justifica a estruturação do manuscrito em uma *ordem*, que respeitamos, exatamente em nome da preservação desse *discurso*.

Nessa hierarquia de apresentação dos temas, principalmente na poesia circunstancial, os temas sérios (ou graves) antecedem aos temas líricos (ou mais leves); a religião antecede à política, que antecede as relações pessoais, que antecede ao amor, que antecede a sátira (ou os temas risíveis, em geral). Essa relação se estende às formas poéticas e aos metros: nas formas poéticas, aquelas que exigem metro mais longo (mais narrativo, portanto), antecedem àquelas que se fazem com metro mais curto (mais popular e mnemônico).

Assim, vemos esta hierarquia organizando o manuscrito BA 49-III-74, nos seguintes termos: *Canção*, *Soneto*, *Tercetos* (composições em metro longo, no caso, decassílabos), seguidos de *Romance* e *Décimas* (composições de metro mais curto, as redondilhas maiores, cujo uso é facultado aos temas populares, mas permitido em temas mais graves). Sobre cada uma dessas formas poéticas, abrimos os blocos com algumas palavras introdutórias que visam ao esclarecimento desses usos.

Em poucas palavras, Fonseca Soares era um homem religioso, estudioso e conhecedor da fé católica, da retórica e da arte poética, como o foram outros seus contemporâneos, que produziram obras que hoje vemos como contradições poéticas, em que se misturam amor, sexo, religião, política, história, mitologia, amizades, críticas e conselhos, funcionando como temas esperados pelo público para a expressão poética.

Era um homem “antenado” em seu tempo. Desfrutemos, pois, dos poemas que compõem este volume sobre a poesia (realmente) sacra, de António da Fonseca Soares.

Apresentando a obra. **Cara Leitora, Caro Leitor,**

Por se tratar de uma obra transcrita diretamente dos manuscritos organizados pelo editor António Correia Viana, datados do ano de 1776, a *Poesia Sacra de António da Fonseca Soares* apresenta uma ortografia e um vocabulário diferentes daqueles praticados atualmente.

Para auxiliar na leitura e compreensão sem, contudo, descaracterizar a linguagem da época, o GPMILA adotou como critério de apresentação da obra o respeito à escrita, mas, sempre que necessário, interferiu na escrita, interpretando os escritos em favor de formas recorrentes no manuscrito e, em situações de ocorrências de formas em desuso em concorrência com formas existentes, optamos pela mais atual.

Assim, definimos alguns critérios paleográficos em busca de facilitar a leitura:

1. Uniformizamos a grafia dos numerais e dos artigos indefinidos nas formas *Hum / Huma*, eliminando a vasta quantidade de variações que o manuscrito apresentava;
2. Uniformizamos a ocorrência da forma verbal do verbo ser, na terceira pessoa do presente do indicativo, *Hé*, como forma mais utilizada na escrita dos séculos 17 e 18.
3. Já as nasais *ão*, *ões*, *ãos*, *ães*, foram todas atualizadas, pois, além da variedade de ocorrências, havia ainda a confusão com representações que

poderiam alterar o significado de tempos verbais (grafamos o tempo futuro do indicativo, 3^a. pessoa, em *-ão versus* pretérito perfeito do indicativo, 3^a. pessoa, em *-am*, porque eram por vezes trocadas as representações gráficas naquele tempo).

4. Optamos também por *desdobrar as abreviaturas*, em nome da clareza de apresentação dos conteúdos.
5. No mais, *procuramos preservar a escrita original dos poemas nos demais casos*, prezando pela memória presente no registro das formas correntes entre os séculos 16 e 18.
6. Estruturamos, também, para a apresentação dos poemas, algumas informações que reputamos importantes para noss_s Leitor_s:
 - a. Cada poema está *nomeado pelos dois primeiros versos*, respeitando-se uma metodologia de publicação bastante corrente nos cancioneiros medievais e renascentistas, como forma de identificação mais rápida das composições. A adoção dos dois versos iniciais (e não apenas o primeiro, como ocorre com as edições de Camões, por exemplo) se dá pelo fato de que algumas composições são iniciadas por versos semelhantes, senão idênticos;
 - b. *As formas poéticas foram nomeadas pelos critérios de versificação*, organizadas em blocos pelo Compilador, no manuscrito. Assim, mantivemos a organização original, introduzindo em cada bloco de composições uma breve apresentação das características dessas formas e com um histórico que justificava a adequação de uso para cada poema: a canção, os sonetos, os tercetos, o romance e as décimas.
 - c. *O responsável pela edição do poema* figura logo a seguir. Optamos por esta configuração, respeitando o fato de que, embora a obra seja coletiva, as sinopses e a aplicação dos procedimentos editoriais em cada poema são de responsabilidade individual, a partir das diretrizes estabelecidas pelo GPMILA;
 - d. Após a apresentação de cada poema, foram indicadas *possíveis observações feitas pelo Compilador* no próprio manuscrito, reproduzidas literalmente;
 - e. *A didascália*, que aparece a logo após o poema, era uma apresentação feita ou pelo próprio Compilador ou, às vezes, por um Bibliotecário, posteriormente, para fins de facilitação do arquivamento do manuscrito. Como nosso intuito é de simplificar a leitura, optamos por indicá-la ao final, substituindo-a por uma sinopse, que é uma forma mais completa de interpretação do poema. Segue-se a ela uma sinopse do poema, produzida pelo editor responsável, cujo intuito é auxiliar na compreensão do seu conteúdo;

- f. A *tradição manuscrita*, por fim, apresenta a quantidade de variantes do poema, distribuídas nas bibliotecas de Portugal ou outra localidade. Ela é importante porque pode haver mudanças de uma palavra, de um verso, às vezes da ordem das estrofes e, em casos extremos, supressões ou acréscimos de partes nos poemas.

Carlos Eduardo Mendes de Moraes
(Organizador)

A OBRA

Canção

Heloísa Viccari Jugeick Beline

Diferentemente da forma popular, que se liga ao folclore e à música das nações, a referida canção é caracterizada pela prescrição, isto é, pela obediência a esquemas clássicos e específicos. A composição tem origem na cultura provençal e considera-se que foi criada por Giraut de Borneil, no fim do século XII. No século seguinte, tal cultura estende-se pela Europa, chega à Itália e de *canzó provençal* passa a ser designada como *canzone*. É o momento em que a lírica trovadoresca passa a se dissociar do poema, que deixa de ser cantado e de ter o acompanhamento de instrumentos musicais para ser declamado ou lido.

Os poetas italianos Dante e Petrarca foram os precursores do uso da forma e se tornaram artífices no assunto, sendo imitados tanto dentro quanto fora da Itália entre os séculos XV e XVI, sobretudo Petrarca, o qual, no século XVIII, foi imitado na Península Ibérica, encontrando território assaz fértil com Camões. A forma poemática contém um conjunto de estrofes, com número regular de versos, nomeadas como estâncias, e que resulta numa estrofe reduzida, designada como ofertório, por meio da qual a composição é dedicada à amada ou tem a função de sintetizar a matéria das estrofes ou estâncias. Considerada por Staiger a forma lírica mais pura, devido ao extravasamento do “eu”, a canção pode contemplar temas bélicos, satíricos, religiosos, morais, patrióticos e o amor, assunto este reputado como o mais recorrente.

**En la estacion más bela
de sus purpureos años,**

Cancion

(Edição de Flávia Renata da Silva Varolo)

*En la Estacion más bellaⁱⁱ
de tus purpureos años,
dió, Garçon venturoso,
tu vida em flor, el fructo em desengaños.*

*Oh venturosa Estrella!
Pues quando de la edad, más imperioso,
el ardor Juvenil corre al despeño:
eliges, com acierto tan lusido,
modo de haserte más de lo que hás sido;
pues de ty mismo te consagras Dueño.*

*De Marteⁱⁱⁱ los rigores;
parece que dexaste;
nó porque lo temiste;
si porque a mayor Guerra te apostaste;
y hallando-los menores,
como tan Grande, en ellos nó cupiste;
mayor Soldado^{iv} aora te institues:
pues con el Mundo peleando atento,
(batalla, em que el huír, és vencimiento)
un Cielo alcanzas, quando a un Mundo huyes.*

*Galas, que la ignorancia
ostenta introducida
de efectos de la Culpa,
com Mundo, Culpa, y vanidad despidas,
depone tu Constancia;
dond és mayor que el yerro, la desculpa:
y éssas de Sayal^v tosco, ásperas nubes,
vestiendo alegre; te remontas tanto,
que quando baxas a esse humilde espanto,
ál más Divino Sol^{vi}, Aguila subes.*

*Dichoso tu, que en medio
de tus males, supiste
hacer bienes tus males,
pues los del Mundo en ellos previniste;
y haciendo-los remedio
del Alma, contra incendios inmortales,
en Triagas trocaste, tan Divinas,
sus Venenos; que àl fin, tus aflicciones
enseñan a estimar tribulaciones,
si son Throno de Dios Sarras, y espinas.*

*Dichoso tu, que sabes
en este Golfo incierto
desta engañosa Vida,
hazer el Mar, que te anegava puerto;
y las vóces suaves
del Mundo, que és Sirena apetedida,
divino Ulyses^{vii}, despreciando cuerdo:
en la Tabla feliz del Desegaño,*

*Salvas la vida del eterno daño;
Y la rason de un vano desacuerdo.*

*Dichoso tu, que dexas,
(espírito sediento,
todo en Dios elevado)
vida que toda és flor, Mundo que és viento;
y de modo te alexas
dessa porcion mortal, que hâs ilustrado;
que ál accion vivo; a Babilonia^{viii} muerto,
enriqueces de Cielo, a tanto porte,
Alma, que para Dios és toda Corte,
Vida, que para el Mundo és yá Dezierto.*

*Nó temas la asperesa
desse Saco, y Cilicio,^{ix}
Obediencia, y Clausura,
que el mérito de tanto sacrificio,
a ser yá lôgro empiesa,
pues en el mismo Dios os transfigura.
Y si és la vida, ephimera inconstante;
y acaba como el bien, el mal más fuerte:
que bien, como vivir para una muerte,
donde és Eternidad lo que éra instante?*

*Si pues, Joven dichozo,
esse que yá oy arbólas
Estendarte en el Cielo,
contra Dragon más bélico tremólas:
sigue sigue, animoso,*

*de tu virtude el altanero buelo;
porque, si como en braços, oy de aquellas
sangrentas Flores, el Escudo ardiente
amarle, y defenderle, osas valiente:
vestirás soles, calsarás Estrellas:*

*Sigue, sigue el Destino,
que te arrebatá en esse [hervou] Divino;
pues si en essa Thebayda^x, veén tus años
la méta de floridos desengaños:
veráz, que desta vil cenisa fria,
sobre el Throno de Luzes coronado,
triunfas en más Alta Hyerarquia,
de inmortales Laureles levantado.*

Nota do Compilador: “Esta Cansão, achamos em hum manuscrito donde a extrahimos com este Titulo: Quando el Autor en lo mejor de su edad, entró Religioso: hablando consigo mismo. Indicando assim este titulo, ser obra do mesmo Frei Antonio das Chagas. Porem, achamos, ser-lhe enganosamente e muito mal atribuhida; porque sendo certo, que todo o Louvor proprio, hé Lepra do entendimento: muito menos se caza, ou havia cazar com a grande humildade de hum tão observante Religiozo, a pompa destas métricas, expressões em seu primeiro abono. Pelo Frei, hé mais seguro ser composição de outro Poeta de fóra, que quis louvar com tão justificada razão, o melhorar o nosso Autor de vida”.

O compilador Antonio Correia Viana refere-se ao soneto, nestes termos: “Quando el Autor, en lo mejor de su edad, mejoró de vida; abandonando la Milicia humana, que seguia; y professando estrechamente La Divina; entrando-se o Religioso de La Observante Regla del Serafico Patriarcha San Francisco em el Monastero de la Ciudad de Evora: siendo en el seculo Antonio da Fonseca Soares, y en la Clausura. Frei Antonio das Chagas”. Essa canção remete ao jovem que no ardor dos seus anos consagra sua vida à religião, tomando conhecimento de que as demais coisas são apenas *desenganos do mundo*. O eu lírico considera que esse jovem é bem-aventurado porque soube se prevenir dos males mundanos e saciar a sua sede em Deus, pois sabe que a vida é efêmera como uma flor e inconstante como o vento.

Foi transcrito do manuscrito 49-III-74, fl. 1. O poema foi referido por Maria de Lourdes Belchior Pontes, em sua Bibliografia de António da Fonseca Soares (1950, p. 109, canção 7) e do manuscrito particular Melodia do mais doce cisne de Apolo/ António da Fonseca Soares fl. 115v.. Segundo os levantamentos feitos por Pontes (1950), Viana (1776-1783) e pelo GPMILA (2022), há cópias do poema na Biblioteca Nacional de Portugal (antiga Biblioteca Nacional de Lisboa, BNL) sob as cotas 3235 fl. 27v.; 3566 fl. 254; e também na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, sob as cotas 350 fl. 60; 351 fl. 141v..

Soneto

Heloísa Viccari Jugeick Beline

Atualmente, considera-se que o soneto foi criado pelo poeta siciliano Giacomo da Lentini, no século XII, embora alguns acreditem que tenha sido desenvolvido pelo poeta francês Girard de Bourneuil no século XIII. Dante Alighieri fora o primeiro a utilizar tal composição na Itália, entretanto, foi apenas com Petrarca que se tornou modelar tanto dentro quanto fora de terras italianas. É considerada a composição mais clássica, a mais admirada e aquela que todos os poetas da época precisavam dominar para assim serem designados.

Caracterizado pela estrutura de catorze versos, dispostos em dois quartetos e dois tercetos, o soneto apresenta versos decassílabos e, em linhas gerais, esquema rímico ABBA, ABBA, CDE, CDE, porém pode conter outras disposições, como ABAB, ABAB, CCD, CCD ou ABBA, ABBA, CDC, DCD. O último verso da composição é nomeado como a “chave de ouro”, responsável por conter a essência da ideia geral do poema. No que diz respeito aos assuntos abordados, a preferência é para os lírico-amorosos, mas é possível abordar temas épicos, satíricos ou descritivos.

**Quien, si nó vóz, en lamina grocera,
sacar, mi Dios, àl natural podria**

Soneto

(Edição de Cristina Mascarenhas da Silva)

*Quien, si nó vóz, en lamina grocera,
sacar, mi Dios, al natural podria,
contra nuestra profana idolatria,
de un fino amor la Imagen verdadera?*

*No pues más os usurpe essa chimera^{xi},
que llama el Mundo amor, la Monarquia
de Vuestras Armas: sepa su osadia,
que en sus triunfos vuestra muerte impera (...)*

*Trata-se de um soneto incompleto.

O compilador António Correia Viana refere-se ao poema nos seguintes termos: “A la Sagrada Imagen de un Crucifixo”. Este soneto simboliza uma batalha entre as coisas do mundo e as divinas. Ainda que o soneto esteja incompleto, é de premissa desse gênero expor o tema na primeira estrofe, seguido de uma réplica na segunda.

Trata-se de um soneto sem variante, que só consta no n°49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, no fólho 9, pelo compilador António Correia Viana.

Quando pondero mi falible estado, eligiera, mi dios, nó haver nacido

Soneto

(Edição de Josias de Oliveira Nunes)

*Quando pondero mi falible estado,
eligiera, mi Dios, nó haver nacido;
que em respecto de haveros ofendido,
más quisiera nó ser, que haver peccado.*

*Pero, viendo que Vóz me haveis criado,
y de mis culpas graves redemido:
antes eligo el ser, que nó haver sido;
porque espero por Vóz ser perdonado.*

*Verdad és, que nó siendo, nó peccára:
Mas como cognoscieros nó podiera,
Vuestras Mizericordias nó gosára.*

*Nó supiera temer, ni vos temiera:
Amáros como ós amo, nunca amára:
Ni tanta Gloria el perdonarmos, os diera.*

Segundo o compilador António Correia Viana, “Habla com Dios el Autor, constricto de sus culpas”. A composição poética apresenta o eu lírico dependente do perdão divino pelo qual angustia-se e compunge-se. Declara ter pecado, diante de tal fato preferia não existir, e suplica a remissão da nova culpa. A certeza de ser criatura de Deus e da redenção das graves transgressões passadas constitui-se dilema. O desalento se apresenta pela reincidência, pois não deveria ter pecado novamente, mesmo que não identificasse as novas culpas como graves, do modo como fez com as primeiras. E diante de um Deus perdoador, opta entre ter ou não haver sido. Alude, por inferência, a Doutrina da Trindade que através do tratamento em segunda pessoa do plural, “Vós”.

Este poema consta como referido apenas no manuscrito 49-III-74, fólio 10, dos manuscritos da Biblioteca da Ajuda, pelo compilador António Correa Viana.

Na Santa habitação desta Clauzura, adonde a Vida, em nacional Batalha

Soneto

(Edição de Jorge Luiz de Oliveira Costa)

*Na Santa habitação desta Clauzura,
adonde a Vida, em nacional Batalha,
formando de esperansas a muralha,
de Carne a assaltos rezistir procura.*

*Armada a Alma para a Guerra dura,
faz do silencio impenetravel malha;
fazendo armadura da mortalha,
da morte se arma, por viver segura.*

*A Disciplina aqui sempre observada;
com ásperos cordões, á mesma vida,
em fome, e sede deixa citrada:*

*Athé que a agoa em lagrimas bebida,
em suspiros a polvora gastada,
se vê do Corpo Prássa destruhida.*

O poema é apresentado pelo compilador António Correia Viana nos seguintes termos: “La devota Clauzura de Bussaco falando a Alma em metáfora de huma batalha”. O soneto descreve a experiência de clausura na Ordem dos Carmelitas Descalços, no Convento de Santa Cruz^{xii}, em que o eu lírico fortalece a resistência da sua alma concentrado para passar pela mortificação numa vida disciplinada em duras experiências, cuja dureza o faz se desmanchar em lágrimas. Constrói-se todo em metáforas de vestimentas e artefatos bélicos, para valorizar o sofrimento assumido pelo eu lírico quando da sua conversão.

Transcrito do manuscrito 49-III-74, fl. 11. Segundo Pontes (1950, p. 95, soneto 58), há cópias na Biblioteca Nacional de Portugal, ms. 6216 fl. 144v e Na Biblioteca Casa de Sabugosa, ms. A. 2.21.

**Hé a Vaidade (Fabio) desta vida,
Roza; que da manhã lizongeada,**

Soneto

(Edição de Letícia Bonesso Gomes)

*Hé a Vaidade (Fabio) desta vida,
Roza; que da manhã lizongeada,
purpuradas mil, com ambição coroada;
airoso rompe, arrasta presumida.*

*Hé Planta, que de Abril favorecida,
por Mares de soberba desatada,
qual florêda Galera empavesada,
burla ufana, navega destemida.*

*Hé quem emfim, com breve ligeireza,
com presunção de Fenix generosa,
galhardias apresta, alentos preza.*

*Mas ser Roza, ser Planta, e Não vistoza,
de que importa: se agoarda, sem defesa,
penha a Não, ferro a Planta, tarde a Roza?*

A síntese “Sobre a pouca, ou nenhuma substância das vaidades do Mundo” foi a forma de proposição escolhida pelo compilador António Correia Viana para apresentar este soneto. O soneto trata da vaidade do mundo, tema muito caro ao religioso Frei António das Chagas, em sua obra. Desenvolve-se em estrutura de proposição, desenvolvimento e conclusão aberta das ideias ao se referir, na primeira estrofe, à metáfora da rosa, como exemplo de efemeridade, ampliando a abrangência da imagem, mas não a sensação de finitude em sua segunda estrofe. A essa ideia inicial, soma os repentes de surpresa que a imagem da fênix causa na tradição poética, concluindo, na estrofe final, com o fecho em forma de interrogação (prova da estrutura aberta das reflexões do soneto), quando reúne a síntese de cada uma das imagens de efemeridade que apresenta nas estrofes iniciais.

Foi transcrito do manuscrito da Biblioteca da Ajuda, cota 49-III-74, f.12. O poema foi referido por Maria de Lourdes Belchior Pontes (1950). Segundo os levantamentos feitos por Pontes (1950), Viana (1776-1783) e pelo MILA (2022) há cópias na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra nos seguintes

documentos103 fl. 121v; 526 fl. 18v; 1091 fl. 1 (soneto incluído na carta *Tão desacordado amigo Fabio*) e na Biblioteca Nacional de Lisboa, documento 6254.

**Este Farol do Ceo, Fimbria^{xiii} Luzida:
Esse lenho, das ondas, pompa inchada:**

Soneto

(Edição de Carla Caroline Oliveira dos Santos Beloto)

*Este Farol do Ceo, Fimbria Luzida:
Esse lenho, das ondas, pompa inchada:
Essa Flor, da menhã delicia amada:
Esse Tronco, de Abril gala florida:*

*He desmayo da noite escurecida;
he destrosso da penha retirada;
he lástima da tarde abreviada;
he despojo da chama enfurecida*

*Se ao Sol, se á Nao, se á Flor, se á Planta toda,
a Ruína mayor nunca se véda;
se em seu mal a Fortuna sempre Roda:*

*Tema quem das vaidades mais se arréda,
que há de ser, se nas pompas mais se engoda,
do Sol, da Nao, da Flor, da Planta a quéda.*

Segundo o compilador António Correia Viana, o soneto é dedicado “Ao mesmo assumpto [Sobre a pouca, ou nenhuma sustância das vaidades do Mundo]”. O soneto de Frei António das Chagas dispõe em duas esferas diferentes as diversas vaidades do mundo dos homens, bem como traz a brevidade e futilidade da vida como matéria. Na primeira esfera, a primeira estrofe apresenta metáforas positivas do que seria a vida e tudo que nela reluz, e, em uma segunda esfera, novamente por intermédio de metáforas relacionadas às forças da natureza, passa as outras três estrofes contrapondo o que é proposto na primeira, de forma a desconstruir e desmoralizar, mostrando que tudo que brilha tem seu fim, do nascimento à queda.

Transcrito do manuscrito 49-III-74, fl. 13. O soneto foi referido por Maria de Lourdes Belchior Pontes (p. 88, soneto 28): “este soneto aparece anónimo no ms. 526 BGUC, colocado logo a seguir de alguns que Varnhagen atribuiu a Gregório de Matos Guerra (inclusive publicado pela Companhia das Letras *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*, 2019); Há variante: *Esse farol do céu, pompa luzida / esse lenho das ondas, torre inchada*”. Aparece também no Catálogo da

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra como ms. 1091 fl. 8v.; ms. 526, fl. 19, onde vem incluído na carta “*Tão desacordado amigo Fábio*”.

**São neste mundo imperio da loucura,
posse, nobreza, engenho, e galhardia;**

Soneto

(Edição de Letícia Bonesso Gomes)

*São neste Mundo Imperio da Loucura,
Posse, Nobreza, Engenho, e Galhardia;
os Padrões da Vaidade; em que confia,
a presumpção dos Homêns sem cordura^{xiv}.*

*Mas se em cinza se torna a Formozura;
se em Cadaver se torna a Fidalguia;
se hé palestra de engenho a companhia;
se da Riqueza hé Cofre a Sepultura:*

*Se hés Tronco na dureza empenhascado,
se inda vives oh Homem presumido,
és marmol na constancia do peccado.*

*Se hés Galan, Nobre, Rico, ou Entendido,
sendo qual há de ser teu triste estado,
és Homem, mais que a rocha empedernido! ^{xv}*

A síntese “Ao mesmo assumpto” foi a forma de proposição escolhida pelo Compilador António Correia Viana para apresentar este soneto, que trata das mazelas e defeitos inerentes ao ser humano, disfarçados pela boa aparência e poder, reflete o eu lírico as vaidades deste mundo e suas consequências, principalmente no verso 11 “és marmol na constancia do peccado”. Contudo, no fim, tudo se torna matéria. A vaidade e os defeitos humanos são, ainda, temas caros ao religioso Frei António das Chagas em sua obra. Apesar de feliz por mostrar sua vaidade e poder, o homem acaba torturado por conta de suas mazelas.

Transcrito do manuscrito 49-III-74, f.14. O poema foi referido por Maria de Lourdes Belchior Pontes (1950) incluído na “carta Tão desacordado amigo Fábio”, atribuída a Fonseca. Corre impresso no Florilégio da Poesia Brasileira, pg. 104 e aí dado como sendo de Gregório de Matos Guerra, por Varnhagen). Há ainda a variante “São neste mundo império [empório] da loucura / Riqueza, engenho e galhardia”. Segundo os levantamentos feitos por Pontes (1950), Viana (1776-1783) e pelo GPMILA (2022). Há cópias na Biblioteca Geral da

Universidade de Coimbra nos seguintes documentos: ms. 103 fl. 123; ms. 109 fl. 6v, ms. 526, fl. 18v..

**Hoy, que los faustos de la humana pompa
son caduco esplendor, breve cenisa;**

Soneto

(Edição de Flávia Renata da Silva Varolo)

*Hoy, que los faustos de la Humana pompa,
son caduco esplendor, breve cenisa;
y en triste amago, ál Orbe atemorisa
el son fatal de la postrera Trompa:*

*Antecipe-se, oh Clori^{xvi}, nó interrompa
el juizio ál juizio; y si me echisa
Amor, remora a un tiempo antojadisa;
Para ésta vez, los nudos ciegos rompa.*

*Sê, que un Mundo eres breve; y que essas bellas
Luzes, Estrellas son: Mas que profundo
juizio nó hará el Alma aora dellas:*

*Si sê, que en este Dia en que me fundo,
han de caêr, oh Clori, las Estrellas,
y há de acabar con su ruina el Mundo?*

O compilador Antonio Correia Viana refere-se ao soneto, nestes termos: “A Clori, en el Dia que la Iglesia haze memoria del Juizio.” O poeta faz uma exortação a personagem feminina, Clori, que também aparece em outras obras do autor, quanto aos temas do juízo final, da brevidade da vida e do desengano do mundo. E este último é tema recorrente na obra de Frei António das Chagas.

Transcrito do manuscrito 49-III-74, fl. 15. O soneto foi referido por Maria de Lourdes Belchior Pontes (p. 97, soneto 66), e faz parte da *Fenix Renascida* (t. IV, p. 405 ed. 1746, “dos Sonetos Vários de hum anônimo”); faz parte também do manuscrito particular *Melodia do mais doce cisne de Apolo/António da Fonseca Soares*, soneto 78, está nas *Obras Varias Poéticas de diversos Autores*, fl. 292 e ainda no *Postilhão de Apolo*, 199 (anon). Segundo os levantamentos feitos por Pontes (1950), Viana (1776-1783) e pelo GPMILA (2022), há cópias do poema na Biblioteca Nacional de Portugal (antiga Biblioteca Nacional de Lisboa) sob as cotas ms. 3235 fl. 125v.; ms. 3549 pg. 60; ms. 3566 fl. 236v.; ms. 6216 fl. 140; ms. 6430 pg. 804; ms. 8576 fl. 106v.; ms. 9321 fl. 203v e na BAC – Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa sob as cotas ms. 532 fl. 175v.; e nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra sob a cota ms. 351, fl. 134.

Terceto (Terza Rima)

(Heloísa Viccari Jugeick Beline)

Usada pela primeira vez por Dante Alighieri em toda *A Divina Comédia*, o terceto é uma unidade estrófica composta por três versos com rimas encadeadas no esquema ABA, BCD, CDC, DED etc. Ao usar tal composição, Dante desejava representar a Santíssima Trindade, os Três Reinos e tudo o que mais pudesse ser simbolizado pelo número três. Forma utilizada por Boccaccio e Petrarca no século XV na Itália, os versos alcançaram a Inglaterra, a Espanha, a França e, ainda no mesmo século, chegou a terras lusitanas e encontrou Camões.

A singularidade da composição *terza rima* encontra-se na rima do primeiro com o terceiro verso. Já o segundo verso da estrofe rimará com o primeiro verso da estrofe subsequente e, assim, sucessivamente. Ao último terceto será acrescentado um verso, que poderá ficar sozinho ou aglutinado à estrofe anterior (neste caso, formando um quarteto), que rimará com o verso intermediário e que funcionará como o “fecho de ouro” da composição, tal como há nos sonetos – inclusive, alguns consideram que os tercetos são filiados dos sonetos.

**Nesta escondida, e muda soledade,
de cujas sombras a melhor pintura,**

Tercetos

(Edição de Amanda Mimoso Rodrigues Coelho)

*Nesta escondida, e muda Soledade^{xvii},
de cujas sombras a melhor pintura,
só consiste em huns longes da Verdade.*

*Aqui, onde a celeste Arquitetura,
mais quadros pôz da summa Omnipotencia,
mais Copias fez da Immensa Fermozeria.*

*Quero, meu Deos, levado da influencia
com que a essa Luz o resplendor me crece,
chorar a que amey sombra em vossa auzencia.*

*Agora pois, que n'alma me amenhece,
rompendo o Sol da Grassa a noite escura,
com que a morte da Culpa me adormece;*

*Nesta de meus delictos espessura,
de quem espelho hé vivo, e morto espanto
essa agoa, e lume, que em meus olhos dura:*

*Sayam, a ser do Coração quebranto,
cada lagrima feita hum mar de penas,
desfeito cada hum ay n'um mar de pranto.*

*Ponham-se a hum canto as loucas cantilenas,
com que escolhendo sempre a peyor parte,
tantas fiz ao Delicto Magdalenas.*

*Tambem deponha os Timbres vãos de Marte,
e as Insignias de Amor, quem tem mais gloria
em seguir vosso Amor, vosso Estendarte.*

*Seja vosso o Trofeo, minha victoria;
pois só de Vóz meus Deos, hoje tomára*

trazer o Amor, e as Armas na memoria

*Oh se eu, para que em tudo vos amara;
mais que Estrellas o Ceo, almas tivera;
mais que areyas o Mar, vidas lográra!*

*Se eu das ervinhas corações fizera,
olhos das luzes, e das flores brassos,
e se azas fôra como folhas era!*

*Se foram, para dar-vos sempre abraços,
desses Bosques, meu Deos, onde me enlevo,
os ramoz corpos, e as folhinhas lassos!*

*Todos, e muitos mais que n'alma escrevo,
foram pouco, medindo o que me inflamo,
nada foram, contando o que vos devo.*

*Se annos foram as horas que vos amo;
se seculos os dias que vos quero;
se eternidade o tempo que vos chamo:*

*Se hum Ceo fora de amor meu peito fero;
se mil mundos de fé meu gosto errante;
se mil máres de dor meu pranto austero:*

*Inda assim, meu Senhor, meu doce Amante,
julgára o ser eterno hum só minuto,
os annos ponto, os seculos instante.*

*Sinta pois; de meus olhos nunca enxuto
o mar, ter-vos negado à Magestade
a vista feudo, as lagrimas tributo.*

*Sinta ver, que foi tal minha maldade,
que inda vos faz mais fino acatamento
o Ar, o Monte, o Rio, a Soledade.*

*As mais pobres Ervinhas, cento a cento,
louvando-vos, meu Deos, no Altar do Prado,
de Esmeraldas vos põem rico ornamento.*

*Mostra-se o Ar em choros dezatado,
logo que o Sol madruga; agradecendo
dares-lhe luz para o louvor sagrado.*

*Vem pelas Serras o cristal decendo,
como saltando de prazer: porque ólha,
que vos vay tudo festas mil fazendo.*

*E sem que a planta, ou pedra, a vós lhe tolha,
os tôns do ár repete cada penha,
e ao som do vento baila cada folha.*

*Tudo parece, que em louvar se empenha,
esse Divino Amor, que nos deu tudo;
bem que este Bem, por varias mãos nos venha!*

*Eu só, com peito mais que os Montes rudo,
eu só, com alma mais que as Féras féra,
estou dormindo no mortal descudo!*

*Ergue-se o Sol, acorda a Primavera;
e elevando em vós cada qual deles,
flor a flor, rayo a rayo vos venera.*

*De cores mil pintando estes, e aquelles
quadros; se o Sol, das nuvêns hé Timantes^{xviii},
Abril, dos campos se prezume Apelles^{xix}*

*Eu só, bem que com passos sempre errantes,
mude, ou fassa de côres o delicto,
lhas dou muito peyor do que era d'antes.*

*Pois sendo aos olhos cada vista hum grito,
nelles tudo hé fogir da vossa Glória,
tudo morrer pelo manjar do Egito*

*Oh Liberdade cega! Oh vil memoria!
que encarceradas nestas vãs paredes
fogir de dar ao Ceo huma victoria!*

*Oh mizeros Mortaes! Como não vedes,
que pertendem colher vossas emprezas,
n'uma só concha o Mar, e o Vento em redes?*

*Se amais do Mundo as loucas gentilezas;
como andais na razão tanto ás escuras,
que em Deos não dais a Origem das Bellezas?*

*Reflexos são de suas Luzes Puras
as Estrellas do Ceo, do Campo as Flores,
a Luz, do Sol, do Mundo as Formozuras.*

*Não tremóla no Ar, com varias cores;
tanto penacho esse Esquadrão volante,
só para que enfeiteis vossos furores.*

*Vales não gosta a diferença errante
de tanto Bruto, só para esse empenho
de servir vosso escandalo arrogante.*

*Não piza as Ondas tanto armado Lenho,
só para o fim passear, da Aurora
athé o occazo, o vosso vão dezenho.*

*Para vos obrigar, sim (quem ignora?)
mandou Deos, que vos ama immensamente,
lavrar a Ceres, produzir a Flora^{xx}.*

*Obedecendo ao Brasso Omnipotente,
prata, e ouro vos deu Monomotapa^{xxi},
rubins^{xxii} Ceilão^{xxiii}, diamantes o Oriente.*

*Para este fim, rasgando a négra Capa
do chaos escuro, do embrião primeiro,
sahio à luz, de todo o Mundo o Mapa*

*Só para isto em fontes o ribeiro;
que em prata leva ao Mar varios tributos,
de entre os penhascos se soltou ligeiro.*

*E observando os Eternos Estatutos^{xxiv},
para este fim, vos deu o Ar alentos,
passo o Mar, uzo o Fogo, a Terra frutos.*

*Fez para vos servir os Elementos;
para via, de hum Mundo o Largo espasso,
para Patria os luciferos^{xxv} Assentos*

*E o vosso errôr, ingratamente escasso,
athé do recebido, não se atreve,
por quem tudo vos deu, dar hum só passo!*

*Nasce nos montes o regato breve;
e apezar da aspereza em que se cria,
tributa ao Deos Supremo a undoza neve.*

*Nasce feróz na tosca penedia
a Impreatriz da Aves soberana;
e adora ao Sol porque lhe trouxe o dia.*

*Nasce nas serras da espessura Hircana^{xxvi},
Tigre cruel; e a quantos o alimentam,
agradecido mostra que se humana.*

*Vossas ferezas só, quando as ostentam,
vemos que de Aguia, Tigre, e Ribeyrinho,
o leve, atróz, e despenhado augmentam.*

*Mostra aos filhos, do Sol a Aguia o caminho,
e aquele que não fita nelles os olhos,
converte em tumba amarga o doce ninho.*

*Se do seu rude albergue^{xxvii}, entre os pimpolhos^{xxviii}
ofende o Tigre as mãos da Providencia,
sobre pizar espinhos, pasce abrolhos.*

*Vejo tambem a liquida afluencia
com que chora essa Fonte o verte ingrata
a quem lhe deu a cristalina essencia.*

*Parece que no pranto se dilata,
por rasgar as entranhas de hum penedo,
de quem nascêra vibora de prata.*

*Eu só, meu Deos, nos cegos lassos quêdo;
eu só, meu Deos, nos torpes vicios mudo;
quando tão prezo estou, vivo tão Ledo^{xxix!}*

*Rasgue-se pois, Senhôr, de hum peito rudo
o pedernal^{xxx}, em lagrimas ferido,
e acezo em chamas de hum tormento agudo*

*Solte-se dos nóz cegos de Copido,
com mil nóz na garganta, este Amor cego;
para vóz tão vendado, e tão vendido!*

*E sendo vóz meu Deos, meu doce Emprego,
mostre eu já nos banquetes dessa Grassa,
que os Péz também, com lagrimas vos rego.*

*Seja tamanha a dor que n'alma nassa;
que em mim se veja, que em cada suspiro,
quanto vosso não hé, se despedassa.*

*Veja-se em cada hum ay comigo vos tiro,
pois que tirando estou morto na magoa,
que ás covas de meus olhos me retiro:*

*Onde crescendo deste amor a frágoa,
conhessam todos deste ardente impulso,
que estou, desfeito em fogo, acezo em agoa,
sem vida o alento, o coração sem pulso.*

No manuscrito o compilador António Correia Viana refere-se ao poema nos seguintes termos: “Falando com Deos Chora o Autor, nos principios de sua conversão, e desprezos do Mundo, retirado á Rellegião; o tempo anteriormente perdido, e malogrado”. O terceto é uma poesia mística^{xxxi}, pertencente as elegias de Frei António das Chagas, o qual alude as lutas contra as tentações mundanas nas três etapas de vida do eu lírico enquanto desenvolve um diálogo com Deus. Nos primeiros versos manifestou o sentimento de culpa e desilusão com o mundo, principalmente, ao usar da expressão “Delicto Magdalenas”(verso 21), referiu-se as tristes e dolorosas penas mundanas cometidas antes da conversão

religiosa. Na segunda etapa, há nos versos descritos elementos da fauna, flora e minérios referenciados pela reflexão artístico-pictórica sobre as criações Divinas e/ou descobertas do “Novo Mundo”. Nesse sentido, foi Deus quem elevou o eu lírico acima das limitações naturais após a conversão. Na terceira etapa, notou-se o uso de antítese nas ideias do autor “desfeito em fogo, acezo em agoa” (verso 170), tratou-se do desgosto ao reconhecer a dualidade do homem, em vida, os contrastes representados pela moral e/ou sentimentos, como virtude e pecado. Dessa forma, o eu lírico somente na morte conseguiu se libertar das tentações da alma.

Transcrito do manuscrito da Biblioteca da Ajuda, cota 49-III-74, f.17-27. O poema foi referido por Maria de Lourdes Belchior Pontes (1950, p. 110, soneto 14: “Impressos, vide Godinho, *Vida do venerável*, pg. 452 (ed. 1728)”) do manuscrito particular *Melodia do mais doce cisne de Apolo António da Fonseca Soares* fl. 22. Segundo os levantamentos feitos por Pontes (1950), Viana (1776-1783) e pelo GPMILA (2022), há cópias do poema na Biblioteca da Ajuda, cota ms. 49-III-82, fl.25, Biblioteca Nacional de Portugal (antiga Biblioteca Nacional de Lisboa, BNL) sob as cotas ms. 3235, fl. 220; ms. 3566, fl. 269; ms. 6430 pg. 521; ms. 8576, fl. 129 v.; ms. 9322, fl. 327; ms. 68 Coleção Pombalina fl. 114; também na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, sob as cotas ms. 350, fl. 54; ms. 351 fl. 151v.; ms. 384, fl. 275; ms. 400 pg. 200; ms. 1091 fl. 158. Encontra-se digitalizado pela Universidade de Michigan na plataforma *Google Livros*, “O Instituto: jornal científico e litterario”^{xxxiii}, Instituto de Coimbra, Volumes 9-13 (1861), p. 139-142.

**Entre o sagrado horror desta Clauzura,
onde tendo, por Hábito a mortalha**

Tercetos

(Edição de Luís Fernando Campos D'Arcadia e Josias de Oliveira Nunes)

*Entre o sagrado horror desta Clauzura,
onde tendo, por Hábito a Mortalha,
Caza fasso tambem da Sepultura:*

*Onde, como Guzano que trabalha
por se esconder no tumulto tecido,
rouba hum triunfo á temporal batalha:*

*Passo tão outro (oh Fabio) do que hei sido,
que ou o que sou, mil vezes desconhesso;
ou quazi sempre, do que fui duvido!*

*Pasmo de ver, que a verde idade têsso
o Mauzoleo de hum Claustro lemitado:
eu que não coube de Babel no excesso!*

*Pasmo de ver-me a tantos pez prostrado:
eu, que no Olimpo de hum soberbo intento
quis dar ao Mundo assombro ao Ceo cuidado!*

*E o que me admira por mayor portento,
hé que eficacia fosse do discurso
o que não pode ser da ancia escarmento.*

*Se bem não tendo as lagrimas o curso,
já creyo que tão altos exercicios,
effeitos são de hum Celestial impulso.*

*Impulsos são daqueles beneficios
com que a Bondade Immensa, nos declara
que as vontades quer, mais que os Sacrificios:*

*Pois ao ferir da sacrossanta Vara,
desfez em agoa hum Coração de pedra;
e o Lavra agora para pedra de Ara.*

*Este, que hum tempo de Ariadna, e Fedra
se votava ás Imagens fabulozas,
com que inda a Louco idolatria medra:*

*Hoje, com diferensas prodigiosas,
só da Imagem se préza, e semilhansa
de quem tais pedras fez assim preciosas.*

*Porem, que muito hé ver-se esta mudansa:
se desse de Piedades Occeano,
o Fluxo, ao Clima mais remoto, alcansa?*

*Se emfim chega o seu Carro soberano
por meatos da outra Providencia,
aos pedernais do Coração humano.*

*Onde, bem que ache dura a rezistencia,
vemos, que o Manancial da Eterna Grassa, Torso
nasce, ou rebenta, com feliz violencia:*

*Para que, bem que entre as espinhas nassa,
o Campo estéril, régue, e fertilize,
e os Ermos tristes, apraziveis fassa.*

*E emfim, para que ao tempo que agonize,
ao roxo Mar de Sangue seu, se chegue;
e nella com mais Glória se [e]ternize.*

*Neste, sem que a Ignorancia mais navegue
hé torsa já que Faraó se afogue,
e hé bem que o Povo, que hé de Deos se entregue.*

*Razão hé já, que aqui se desafogue
a Alma de tantos lassos encobertos,
e que a tortura aos que a prendem, rogue.*

*E hé bem que os dias desta vida incertos
do Maná se alimentem sacrossanto,
que sempre chove n'alma nos desertos.*

*Acabem, pois daquele cego encanto
com que eu seguia as Circes, e as Sirenas,
a vóz em ays, a melodia em pranto.*

*E já não mais as Didos, e as [H]Elenas,
do fumo fazer gloria se costumem;
que incendio hé d'alma o que hé faisca apenas.*

*Pois soberbo do damno se prezumem,
que deixe Troya, do que foi vestigios;
e que inda as cinzas de Carthago fumem.*

*Mas como hão de esquecer-me esses prodigios,
se acho em meu mal os muros Africanos?
se ólho no estrago d'alma os Campos Frigios?*

*Onde sobre esses Idolos profanos,
que já prostra em pedaços o escarmento,
se edeficam melhor os dezenegos:*

*Pois não tiveram firme fundamento,
se, para mais se erguer não derrubaram
aquellas Torres que formei no vento.*

*De mais; que ver os bêns como acabaram,
lá dentro d'alma hum vivo horror infunde,
com que se foge aos gostos que se amáram.*

*E não hé facil, que em razão se funde
quem, para Levantar-se desta sorte,
sem caír na razão, a alma confunde:*

*Venus, Minerva, Jupiter, Mavorte,
que honras, que glorias podem dar-lhe a vida,
de quem depressa não triumfe a morte?*

*Qual flor, se murcha a idade mais florida;
qual sonho, acaba a gloria mais prezada;
qual sombra, passa a pompa mais luzida.*

*E antes que a méta da fatal jornada
coroe a vida, à todos parece
breve a flor, vão o sonho, a sombra nada.*

*Se ao tempo pois que cada qual florece,
seca aquela, este solto, ésta desfeita.
mágoas faz, ancias custa, horrores crece:*

*Quem mais o Sonho, que a Verdade, aceita?
Quem pela flor, o fructo d'alma perde?
Quem pela sombra, a Luz do Sol engeita?*

*Oh se a esperansa, na Zenith mais verde
das primaveras, os outonos vâra,
aonde Abril hé forsa que as desherde!*

*Que depressa, entre os gostos, advirta;
que hé ephimera caduca flor da idade;
a gloria, fumo; a ostentação, mentira!*

*E se não, diga a vãn prosperidade,
quando em auge mayor se concidera,
que tempos goza os fructos da vaidade?*

*O que há de ser incerto se pondera;
aquilo que está sendo, vai passando;
é hoje não hé o mesmo, que hontem éra.*

*Logo, se o mesmo que se está gozando,
no crepusculo breve de hum momento
vai da vida as auroras enganando:*

*Se àquele arrebatado movimento
das horas, vai fogindo quando dura
só por mostrar, que a gloria humana hé vento*

*Quem das lições do tempo, e da ventura
não aprende; que o bem, todo hé mudansa;
e só méta da vida, a sepultura?*

*Que importa pois, que ouzada a Confiansa
do soberbo Baxel, pasmo ás Neveas,
navegue vento em pôpa, e már bonansa:*

*Se arrebatado ao canto das Sereas,
para, entre os riscos desse Imperio undozo,
horror das prayas, magoa das arêas.*

*Que importa, pois, que o mesmo caudalozo
Caudal, das chuvas com a grossa enchente,
os Campos senhoree impetuozo:*

*Se emfim passando o Lobrego accidente
das Antarticas Nuvêns confundidas,
morre corrida a mizera corrente?*

*Que importa, que com ancias repetidas,
busque, como esplendor, ou como abrigo,
a Borboleta da Luzes pertendidas:*

*Se emfim galanteando o seu perigo,
acha naquelle agrado o seu tormento,
tem no seu Luzimento o seu castigo?*

*Que importa que da Fonte o vago alento,
com a sustancia que bebeu ao Monte,
os Valles êncha de cristal, e argento.*

*Se estivo o Sol, apenas no Horizonte
raya, quando o que Rio éra de prata,
mostra que só de Lagrimas hé Fonte?*

*E ao Sol que importa, quando mais dilata
seus Rayos nesse Exercito Luzente,
com que de Erebro as sombras desbarata:*

*Se por mais tempo que o triumpho augmente,
vê que lhe dá, no espasso de hum só dia,
Trono o Zenith, e Tumba o Occidente?*

*Navegue pois a intrepida Ouzadia;
corre a Soberba; voe o cego Engano;
ria o Deleite; e luza a Tirania:*

*Que emfim, de todos há de ser, no humano
Theatro, baixo risco morte e pena[,]
fim a Luz, Rayo a dor, e Ocazo o dâño.*

*Governe o carro pois da luz serena
Esse, a quem inda em Arvore Lampeira,
chora de Padia na Ribeira amena.*

*Erija emfim, com arrogancia necia,
aos Ptolomeos, Piramides o Egito;
e aos Cezares, Estatuas Roma, e Grecia.*

*Porque, dos Fados seus ao fim prescrito,
Hão de cair ludibrios da Fortuna,
quantos se ostentam cultos do Delito.*

*Certo (oh Fabio) que olhando esta oportuna
observassão do humano dezatino,
que tanto o Mundo cegamente impugna:*

*Dos meus passados Êrros, imagino,
que a não serem de huma alma impios venenos,
poderão ser misterios do destino.*

*Pois tanto os meus destrossos mais pequenos,
com evidencias tristes, persuadem
o mais da mágoa, e do juizo o menos*

*Que por pouco que d'alma ás pontes bradem,
hé forsa que acordando estremecida,
só neste avizo que lhe dão lhe agradem.*

*E assim como em Cidade destruhida
chegando acazo incerto Caminhante,
que foi fogindo á noite dezabrida;*

*Pasma, vendo dos Mortos o semblante;
treme olhando das Torres, e dos Muros
desfeita em cinza a Máquina arrogante:*

*E fogindo aos pestíferos e impuros
horrores, já não sabe, como, ou quando,
em salvo ponha os passos mal seguros:*

*Assim quando em mim mesmo vou entrando,
e as cinzas pizo, com que toda horrores,
a vista vay ao Coração gritando:*

*Vendo-me todo estragos, e furores,
triste me assombro e tremendo me admiro,
d'alma nos espetaculos menores.*

*Pois da honrosa ambissão no imenso giro,
no cego ardor de tanto fogo impuro;
no fim mortal de tanto vão suspiro:*

*Tantas offensas tragicas apuro;
que tendo a vista de si propria mêdo,
fugir de mim mesmo, solícito procuro.*

*E inda que não cuidey saír tão sêdo
daquelle hum tempo, em doces embarassos,
nó cego d'alma, e do valor segredo:*

*Mais que Alexandre, de hum só golpe, os lassos
cortey; por crer que hé mais que vencer Mundos,
fazer a Alma o seu Idolo em pedassos.*

*Caindo pois entre os caudaes profundos
de hum Mar de fogo, os vultos de Accidália,
que eu em silencios lamentey facundos.*

*E entre os deluvios com que ardeu Castalia,
queimei purificando d'alma o Templo,
o Templo a Chipre, os Tempes a Thezalia.*

*Mas como o mal que por meu bem contemplo
faz que a memoria em mármore esculpa
isto em que eu tómo de mim mesmo o exemplo.*

*Tanto me move a dor que me desculpa;
que, para achar o espirito da emmenda,
o busco entre cadaveres da culpa.*

*Aqui hé preciso que a Razão se ofenda
de verse sempre idólatra as inpuria
sem que as triagas do veneno aprenda.*

*Aqui abjurando de Copido a fúria,
fujo aos incendios dos mortaes insultos,
e á luz me chego de Celeste Curia.*

*Onde depondo os enganozos cultos,
são já da ofensa mizeros retratos
os que eram da alma venerados vultos:*

*Pois mal Vulcano a seus fatais recatos
as honras fez aos ultimos officios;
nestes então primeiros dezacatos:*

*Quando, deste holocausto nos indicios,
se vio as Pyras da mayor Beleza,
foram Altar de eternos sacrificios.*

*Mas que muito hé, que a humana Natureza
tenha este acordo; se os penhascos rudos
fazem, sem ter juizo, esta fineza?*

*Como se sofre na Razão descuidos;
se vemos que estes Marmores cahidos,
por tantas bocas nos reprehendem mudos?*

*Aqui vejo esses Pórfidos, que erguido
hum tempo, ás nuvens ameassavam guerra;
por sy mesmos prostrados, e abatidos.*

*Vejo a soberba Máquina por terra
deste, hum tempo Edeficio; hoje espantozo
Cadaver, que em sy próprio o Tempo enserra.*

*Vejo o que era de Flora, sumptuoza
Pensil, e de favoreco Aula fragrante,
ja de ambos Cemiterio Lastimoso.*

*Neste, que Firmamento foi brilhante
de Estrellas tantas, como Ninfas belas,
que acha já mais que sombra o Caminhante.*

*Emfim, no eclipse, e fim destas, e aquelas,
se vê que as Maravilhas acabáram,
e que tambem cahiram as Estrellas.*

*De tudo o que Luziram, e ostentâram,
nem inda, para timbres da victoria,
aos Fados, cuida, que os troféus deixaram.*

*So sei, que para avizo da memoria,
se levanta edeficio da ruína
quanto cahio estrago da vangloria:*

*Onde a Vaidade o Dezenzano ensina,
que assim como Tegurios, aos Colossos,
vulgar fortuna abate e perdomina.*

*Reparo aqui das pedras nos destrossos,
inda a muda inscripção dos annos grita,
quão debil mão dos seus braços fes trossos.*

*Aqui o discurso as pedras solicita;
pois sendo de atrahir para o escarmento,
de toque são para a Razão contrita.*

*E aquele horrôr, que n'alma reprezento,
tanto por dentro a méte espavorida,
que os padrões mudos, feito Estatua, augmento.*

*Cahindo assim na Fabrica cahida,
se o passo perde a cada passo o gosto,
não acha pedra sobre pedra á Vida.*

*Só acho, bem que sempre o pranto exposto
nas alvas dos meus olhos amenhessa,
o Corassão, em negras nuvens posto.*

*Paressa, emfim, que dor por que a magoa crêssa,
quer mostrar essa dor, que enquanto sinto
dos sustos d'alma a triste pompa hé Essa.*

*Cuide-se pois que hipocrita requinte
o Mal, que pinto ao vivo; bem que tanto
de morte côr os sentimentos pinto:*

*Que pouco vai naquele necio espanto,
que isto me estranha ostentassão da Muza,
sem que oissa a vista as confições do pranto.*

*Mas quem, inda que a vista de Meduza
pedra o fizesse, não desfaria
nestas ternezas que a ignorancia acuzá:*

*Se athé nos jaspes dessa Fonte fria,
se nas paredes desta Cerca austeras,
tudo vejo brotar melancolia.*

*Vestidas só de macilentas heras,
em Ermo tróca o palido das flores
todo o que foi Solar das Primaveraes.*

*Pois destas, que excediam superiores,
de mil boninas produzindo os molhos,
Pancaya em cheiros, e Fenicia em côres:*

*Tudo o que encontram tristemente os olhos,
Thebaida hé já, de Abril que entre os seus giros,
Leito de espinhas tem, docel de abrolhos*

*Se aqui contemplo os funebres Retiros
de tantas covas, onde os éccos fazem
rouco clamor dos Zefiros suspiros:*

*Vejo que nus os Esqueletos jazem
daqueles Troncos; bem que algũas vezes
viçozo ornato amigos Soes lhes trazem.*

*Gala os vejo fazer das desnudezes,
quando dos Campos, e Jardins, o esmalte,
hé mais que pompa dos floridos mezes.*

*Julgo-os por repreensão, de que nos falte
o penitente traje; e que somente
as insignias da Culpa o vicio espalhe.*

*Vejo Senhor de hum mármore a corrente,
Com que hum Caudau, deleite das ervinhas,
Lamenta triste quanto rio contente:*

*Já magoando a neve entre as espinhas,
parece, que com o pranto de hum penedo
corre a acuzar-me das durezas minhas.*

*Olho daquelas heras o segredo
com que eu cuidey, que em cegos nóz atado,
tinha lascivamente esse arvoredo.*

*Aqui me ensina, e deixa edificado,
ver das Agoas, e plantas nos indícios,
contracta a fonte, e penitente o prado:*

*Pois fazem de ambos hoje os esperdícios,
chorar as pedras com sentida mágoa,
vestir-se os troncos de ásperos selícios.*

*Aqui me apuro do pezar na fragoa,
vendo, que inda os meus olhos não são fontes
sendo fontes do pranto huns olhos d'agoa.*

*Aqui, sem ser de Estéope, ou de Brontes
ferido, as armas com que Jove espanta,
quem rebelou ao sacro Olimpo os Montes:*

*Sinto, prostrado á forra sacrossanta,
que sendo mais que huma Arvore, huma Vida,
obre menos huma Alma, que huma Planta.*

*Sinto, que quando o cheiro me convida
de mil virtudes, com que Abril renasse
nesta de espinhos solidão florida;*

*Nascendo das estrellas, se murchasse
tanto a nossa vontade; e só floressa
huma virtude, que das Ervas nasse.*

*E porque em nós o Vicio reverdessa,
fazemos, que temos não sendo tudo trigo,
nesse que temos a sizania cressa.*

*Por isso (oh Fabio) vendo esse perigo
que athe da muda Soledade aprendo,
fujo de mim para viver comigo.*

*Vir do que fui para o que sou, pertendo
pois bem que sempre mizero me crea,
aqui melhor o mal que fasso, entendo.*

*Não para que, qual Nero, da Tarpea
goste de ver arder os Patrios Muros,
cantando as mágoas da Troyana idea:*

*Menos para que os annos mal seguros,
dê do inútil silencio á sombra fria,
que os braços deixa da memoria escuros.*

*Mas por ser qual Piloto, que algum dia
fez em Syrtes incógnitas naufrágio,
e as demarcou então na fantezia.*

*Sem que da via espere outro sufragio
dando a Luz deste avizo ao Planisferio,
nelle, se o deixa exemplo, o faz pressagio.*

*Provêra a Deos, que o dilatado Imperio,
que lustra Febo, e que Neptuno abarca,
do negro Mar ao Occeano Hesperio:*

*Puderam dar ao meu Feliz Monarca
destes brassos despojos, e os troféus;
bem que eu crescêra ás oblações da Parca.*

*Mas se hum só Orbe encurva os Giganteos
Ambos de tantos Hercules do Luzo:
que hão de fazer de Palas os Pigmeos?*

*Verdade hé, que ainda ferve a natureza,
se os tóns de Marte na memoria escassa,
e os éccos ouve á Tuba Portugueza.*

*Mas como agora o pensamento luta
com mais Contrarios, continuar intento,
a Retirada desta humilde Gruta:*

*Onde, com tudo, a Magestade atendo,
(a que indigno devi tantos favores)
sirva, se não co'as mãos, co entendimento.*

*Pois hoje, que a Alma esforços tem mayores
nos sacrificios de devotas preces,
ao Ceo lhe pesso auxilios superiôres.*

*E inda que Lá tão pouco valham esses,
sempre desta razão farei porfia,
pois dos meritos fiz meus interesses.*

*Aqui (oh Fabio!) tambem não passa o dia,
sem que Lusbel, de cada objeto fassa
encontro assalto, choque, e bateria.*

*A fogo e sangue a guerra me ameassa,
porque ao Tartareo Imperio se não rendo
de huma Alma humilde, neste citio, a Prassa.*

*Escalar o Pentágano pertende
dessas sinco Potencias exteriores,
que agora a forma regular defende.*

*Arma para isto as Máquinas mayores:
já segar quer o fosso da humildade;
já tirar-me as defensas interiores*

*Mas bem que as Galarias da Vaidade
se aproximem do juizo ao Cavaleiro,
a quem fez sempre espaldas a Verdade:*

*Bem, que me tóquem arma o dia inteiro
as memorias do Mundo; e neste assalto,
os rayos chovam do Infernal Morteiro:*

*Nunca no Forte da paciencia falto;
por ver, que aqui franqueyo, e contramino
quanto ser pôde d'Alma sobressalto.*

*Mas se nos riscos deste horror centino,
adrede tarda o Celestial Socorro
lá na estrada encoberta do destino:*

*Do Entendimento a Cidadela côrro;
Onde, bem que o combate não declina,
não logo nelle me esmoresso, e morro:*

*Antes, por defender-me na Ruína,
fasso Arnez o Burel, Elmo o Capello,
Malha o Celicio e Espada a Deciplina.*

*E val-me tanto desta gloria o zelo,
que logo aquela Furia formidavel,
com celestes Auxilios, atropelo.*

*Vendo pois o Inemigo, incontramos
por ésta parte a natural fraqueza,
a quem esforsa espirito incansavel:*

*Com largo assedio, intenta nesta empreza
enfraquecer a forsa aos sentidos,
e superar com Arte a Natureza.*

*Para isto, faz, que os ódios desmentidos,
o Mundo á Vida bom quartel prometa
e a Carne ao gosto oferessa bons partidos.*

*Mas eu, que entendo deste jogo a trêta,
nem trégoa aceito, nem chamada escuto,
porque em si Troya Paladiões não meta.*

*Assim, na Goarda do menor reduto,
zombo, com a mental jaculatoria,
de tanto Atleta; e Gladiador astuto.*

*Quero assim ver, se as honras da victoria,
o Conflictio me dá; pois não se alcansa,
sem a batalha; do triumpho a gloria:*

*E vivendo, entretanto, da esperansa,
por premio tenho, que a razão fizesse,
ao som do Ceo, airosa ésta mudansa.*

*Nem muito hé, que a tanto me movesse;
se, melhor que Pitagoras, pondéro
essa harmonia, que ao sentido esquece.*

*Mas vindo ao nosso assumpto, em que espero
a Origem descrever destas ruínas,
em que eu já me retrato, e concidero:*

*Ouvi, ao som das agoas Cabalinas,
estas memorias, que em Annaes difusos,
eram de Plectro mais illustre, dignas.*

*Foy tempo, em que rompendo os circunfuzos
Rayos do Sol da Fé, aos nevoeiros,
que se lhe opõem com temporaes abusos:*

*Vieram de Francisco os Companheiros;
para que as sombras de Lusbel ferindo,
fossem de Hespanha Occidental, Luzeiros.*

*Menos brilhante a Luz, que adora o Indo,
quando a Aurora, da noite o luto enserra,
as nuvens vai rasgando, os Ceos abrindo:*

*Menos veloz, fazendo aos ares guerra,
cruza o círculo ardente os Orbes: quando
em mar de sombras se sepulta a Terra:*

*Que a luz piedosa, o fogo venerando
dos seráficos Astros, se vieram
do Occazo pellas trevas derramando.*

*Com tal fervor as Almas encendêram,
em o ardor Celestial, que bem se via,
que do Universo, ardentes Luzes éram.*

*Por Elles, já mais claro amenhecia,
nos mais dos Horizontes Luzitanos,
o Sol de Christo, a Aurora de Maria.*

*Athé que, emfim, nos Campos Transtaganos
tomando humildes Relligioso assento,
pagar quiseram seu tributo aos anos.*

*Aqui fundaram pobre este Convento,
que Oriente foi do nosso antigo Lustre,
e delles logo Ocazo; e Monumento.*

*As cinzas deste ardor, bem que lhe frustrare
outro esplendor dos seculos o vicio,
fecha Marmore humilde, em Urna illustre.*

*Mas tanto, que da Parca o duro officio
deixou de tanto Rayo extincto o lume,
e a Luz nublou no funeral hospicio:*

*Entibiando, dos tempos o costume,
o primeiro fervor que alguns seguiam;
nos mais se fez, ou lástima, ou queixumes:*

*Pois, por mostrar que aproveitar queriam
os engenhos da Patria generozos,
que aos Sayos, mais que ás Togas atendiam*

*Edeficios erguendo sumptuosos,
Aulas soberbas, Claustros sublimados,
a pobreza agravaram dos Zelozos.*

*Vio-se com sete Corpos dilatados
este Templo; Gigantes de Corintho,
que o Ceo deixou depressa fulminados.*

*Depois com trez, de quem, nem baze, ou [Plinio]
se vê, mais que essa Obra, que a Grandeza
fez do forte Africano Afonso Quinto.*

*Vio-se então, que a Magnifica Riqueza
mudou em Colliseos da Vaidade
os Cobiculos Santos da Pobreza.*

*Contra quem, essa vãn superfluidade
canonizou por culto a demasia,
pondo a Grandeza em trajes de humildade.*

*Pois quanto mais aquela se encontra,
onde outras Solidões se edeficavam,
passos do Mundo cada qual fazia.*

*Mas os Cetros de Luzo, que intentavam
mostrar do Egypto aos símbolos egregios,
que os Olhos seus sobre hum Bastão achava:*

*Quebrando-lhe os Illustres previlegios,
este Templo, e Convento lhe erigîram;
e o mais tomaram para Hospícios Regios.*

*Mas aquelles Varões, que se sentîram
de que os Reys lhe usurpassem, Relligiozos
os bêns, que seculares possuîram:*

*Deixando este Solar dos generozos
Filhos dessas montanhas de Galiza,
a Italia deram bem que ouvir queixosos.*

*Porem João; aquele que eterniza
de "Principe Perfeito", na memoria
quanto, o Clarim da Fama immortaliza:*

*Aos que ficaram, conseguindo a gloria
do que observantes foram reformando;
acções fez dignas de mais alta Historia.*

*A estes, logo os principaes juntando
da Provincia, que ao Reyno o nome toma,
foy ésta dos Algarves comessando.*

*Não tão luzida em seus Triumphos Roma
vio os Monarcas, que a Memoria abraça;
e inda immortal posteridade soma:*

*Que na prezensa, aos olhos nunca escassa,
dos Pays da Patria, e Reys mais excelentes,
se vio por témpos de Sertorio a Prassa.*

*Tão pouco há nos Bosques eminentes,
vio de Alverne, e de Grecia a terra Auzonia,
de Deos as Cortes, e do Imperio as Gentes:*

*Que aqui, sobre os Pensis de Babilonia,
se vio das Artes o alto Municipio,
ser das Virtudes superior Colonia.*

*Tornando, pois a seu feliz principio
neste Celeste Circulo a Observancia,
que alguns entendem como ao fluxo Euripio:*

*Muito apesar da Estigia repugnancia,
deste Jardim do Ceo, se achou nas Flores,
clara virtude, e Celestial fragancia.*

*Mas tanto, que os Perdões da Fé melhores,
Lá nas areyas de Africa cahíram,
e arrastaram do Luzo os resplendores:*

*Tanto porem, que Subditos se vîram
os Dragões Luzos, aos Leões Iberios,
e as Aguias sobre as Quinas se sobîram:*

*Jactando-se dos nossos vituperios
a Sorte, que custou tantos azares,
fundou na nossa injuria os seus Imperios.*

*Desertos, pouco a pouco, os Patrios lares
foram sentindo as Lastimas, que enchiam
de Luto o Reyno, de Essas os Altares.*

*Onde os Congressos Aulicos se viam,
onde as galas esplendidas, parece
que as sombras só nos tristes vãos se unîam.*

*Os enfeites de Abril, com que amenhece
ás Arvores Vertuno, aos Campos Flora,
quando o Anno huns remonta, outras goarnece:*

*Mágoas são inda, que lamenta agora,
das secas ervas arrastando os lutos,
com ays o Ar, com lagrimas o Aurora.*

*Já de Pomona esteril nos tributos;
já de Amalthea na infecunda Copia,
negas as flores Abril, e Agosto os frutos.*

*E hé tanto de huns o horrôr, de outros a inopia,
que em damno igoal, aos olhos representam
os passos Libia, os Campos Ethiopia.*

*Veem-se os Jardins, que as Fontes alimentam
a puros cabedais de undosa prata,
com quanta mágoa de nacer rebentam.*

*Já pobre, ou triste a Torre, nunca ingrata,
as Plantas mostra nuas a quem olha
se as calsa Abril, que a tempo as não maltrata.*

*E porque delas fructo algum se colha,
mostram, que emfim, por mais que o Anno as vista
toda a tramoya da apparencia, hé folha.*

*Mas que Tronco se vio, que na conquista
do frio Inverno, não ficasse em suma,
trofeo do tempo, Lástima da vista?*

*Qual se acha já, que de Galan presume
por menos que lhe arraste o Noto irado
os verdes timbres, que Amalthea implume.*

*O passo assim, já vendose humilhado
á Pobreza tornando de Francisco,
nella quis acolher-se ao seu Sagrado.*

*Mas qual Torre ficou, qual Obelisco,
de quem co'uma surda polvora dos anno[s],
não fosse o Pay dos Lustras Batelisco?*

*Qual dos vaivêns dos Seculos tiranos
não abateu as pompas de Archimedes,
e os faustos de Vetrubio soberanos?*

*Junto pois destas funebres paredes;
hoje Alcandora triste a infaustas Aves,
se antes Ninho às de Juno, e Ganimedes:*

*Se veem de hum Templo as inoetivas Graves;
horror fatal de Doricas Colunas;
e assombro de Corinthios arquitraves.*

*Pois superando da Arte as oportunas
Ideyas, que honram desde Tioli a Batro,
as prosperas, e as tragicas fortunas:*

*Na prespectiva de paredes quatro,
ou das Parcas se afirma Arquitetura,
ou da Morte se ostenta Amphitheatro.*

*Não pois já dos Efezios a Estructura
se jacte de haver sido Maravilha;
e menos de Arthemiza a Sepultura:*

*Que á Luz menor que nestas sombras trilha,
Grecia pasmada os seus Milagres prostra,
e o Orbe todo os Mauzoleos humilha.*

*Este pois, que passando ás Vidas mostra,
das Almas he triumpho prezumido
quando despojo funeral se mostra:*

*De Caveiras, e de Ossos construhido
por ser da Morte Memorial sagrado,
Despertador da Vida hé repetido.*

*Terrivel como Exercito ordenado,
descobre o grosso, que aos Triarios veyo
das insignias da Cruz ser consignado.*

*E espantozo ao juizo, aos olhos feyo,
se vê que em poucos claros vai deixando
o Ar de espanto, o Sol de assombros cheyo.*

*Pois, mais de horror, que de asso, ou ferro
cada Esquadrão, que esteve obediente
do Tempo as Ordeñs, e da Morte ao bando:*

*Mostra, juntando os Trossos dessa Gente,
Com que o quadro terreno luzio tanto,
o que hé fôrma falida em grande frente.*

*Parece, que á surdina hum triste espanto,
assim como estes vio no ultimo Vale,
desperta aos mais que neste estão de pranto.*

*Pois faz a Vida, bem que as mágoas cale,
que em silencio eloquente, ao mudo grito
a alma se mova, o coração se abale.*

*E assim, debaixo do Estendarte Invito,
todos, ao som da ultima Trombeta,
a hora esperam do final conflito.*

*Aqui pois (Fabio) contemplando a méta,
em que faz do Zenith occazo a vida;
vivo deste Sepulcro Anacoreta.*

*Aqui, por dentro d'alma espavorida,
me está sempre atroando o som tremendo,
que há de ouvir toda a Terra estremecida!*

*Aqui, se me afigura que estou vendo
erguer em forma humana, a cinza oculta;
e por-se a Luz Divina em traje horrendo.*

*Aqui as imagêns do pavor me avulta
o Mar que brama, o Ceo que se escurece,
a Terra que arde, o Sol que se sepulta.*

*E finalmente, á vista lhe parece;
que huns vão ao Bem da Patria soberana,
outros ao Mal, que eternamente créce!*

*Oh, se isto (Fabio) a vida mais profana
trouxera na memoria algumas vezes,
e os nadas vîra com que o Mundo engana!*

*Se os doces dias, se os felices mezes,
com hum ponto só do Eterno Bem medâra;
e do ouro humano, bem pezâra as fezes*

*Quam certo fôra (oh Fabio) que cahîra
naquella Conta, que há de dar errada
quem só no extremo pela Cruz suspira!*

*Eu nem por isto cuido, que a morada
de todo este Universo, ficaria
só de Aves vista, e Féras habitada*

*E quando fosse assim que mal seria,
que a Corte a Deos da solidão fizesse
quem faz da Corte ao Lago Estígio via?*

*Não reinára no Mundo este interesse,
que fez, porque elle em Luxos naufragasse,
que de Montes se faya o Mar se enchesse.*

*Faltára quem os dentes semeasse
da Serpente de Cadmo sobre a terra;
e o Olimpo, e Ossa contra os Ceos armasse.*

*Não crescêra a Máquina da Guerras;
nem do centro sahîra o ferro duro,
e esse metal, que lá no Ofir se enserra.*

*Nunca Eneas chorára a Palinuro;
nem cahîra Typhonte fulminado;
nem se rompêra de Dardania o Muro.*

*Tornando a Vida ao Seculo doirado,
o Mérito sem queixa se advertîra,
e achava-se a Razão sem dezagrado.*

*Nem da Lizonja o Camaleão se vîra;
nem do Engano a Chimera se escutára,
nem voára qual Dedalo a Mentîra.*

*Mas se a Omnipotencia nos declara,
que assim se serve de que o Mundo exista;
porque assim corre aos bẽns que lhe prepara.*

*Em mim só tractarey desta conquista
porque entre os mais, jactancia não paressa
meter-me a ser das Almas Estadista.*

*Mas se hé Razão, que cada qual conheça
que são do Mundo os grandes Luminares;
quem no juizo cahirá depressa?*

*Forsa hé, que eu sinta, nos da morte azares
ver que não veem os nossos vãos enleyos,
se deste mal são proprios os pezares,
que deste avizo as horas são correynos.*

António Correia Viana apresenta o poema com a didascália “Enganos do Mundo E dezenganos da Vida Escritos pelo Autor a hum seu particular Amigo Em o tempo de seu Noviciado em São Francisco da Cidade de Evora”. É utilizada a forma poética da *terza rima* para explorar os temas da conversão e da adoção clausura para a assunção da vida religiosa, o que deixa transparecer sentimento de guerra interior. O interlocutor Fábio serve de catalisador para que o eu lírico justifique e descreva sua reclusão ao deixar a vida secular, resultante da conversão à fé católica. A Fabio primeiramente narra a incerteza do início de sua vida religiosa diante de seu passado pecador, assim como seu conflito interior (“fujo de mim para viver comigo”) e em face das tentações de suas relações com o mundo não religioso. As metáforas bélicas e literárias, todas relacionadas à passagem do seu domínio dos aspectos da cultura greco-romana para o domínio dos aspectos da cultura bíblica do *Velho Testamento* e do *Novo Testamento* indicam dificuldades do eu lírico em resistir às fragilidades da carne, assim como em batalhas e guerras^{xxxiii}. Como adequada à opção pela *terza rima*, o terceiro ponto de conflito, além desta passagem, está reiterado na advertência que faz ao Reino de que a glória não está na emulação portuguesa das armas cantadas na literatura clássica, mas na capacidade de se firmar na narrativa bíblica como fonte dos exemplos de fé e perseverança, para um bom governo das coisas e das gentes.

Texto transcrito do ms. 49-III-74, fl. 29-74, da Biblioteca da Ajuda, Portugal. Poema também se encontra no ms. 49-III-82, fl. 2-18 (transcrito em D’ARCADIA, 2019) da mesma Biblioteca. Pontes (1950, p. 109) indica haver cópias destes tercetos nos seguintes arquivos: 1) Biblioteca Nacional de Lisboa: ms. 3235, fl. 224; ms. 3549, pg. 239; ms. 3566, fl. 1; ms. 6430, pg. 479; ms. 8576, fl. 102v.; ms. 9321, fl. 1; ms. 9322, fl. 306; 68; e no ms. Coleção Pombalina 132 fl. 105;

2) Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ms. 351, fl. 90v.; ms. 384, fl. 262; ms. 398, pg. 214; ms. 400, fl. 189v.; ms. 1553, fl. 175; ms. 2829, fl. 64; 4) Biblioteca Pública de Braga: ms. 373, fl. 36v.; 5) *Melodia do mais doce Cisne de Apolo* (documento então de propriedade de Hernani Cidade): fl. 32; Biblioteca Pública da Universidade do Porto: ms. 927 fl. 77v. Os tercetos são também parcialmente transcritos por José Maria da Costa e Silva no capítulo 2, tomo X, do *Ensaio Bibliographico-Critico sobre os melhores poetas portuguezes* (1835).

**Da Academia de Marte; em cujo estudo,
hé papel a campanha; o Sangue, tinta;**

Tercetos

(Edição de Dimas Caetano do Nascimento)

*Da Academia de Marte; em cujo estudo,
hé papel a campanha; o Sangue, tinta;
a pena a espada, e o tinteiro, o escudo:*

*Para a Guerra da Corte, onde requinta
Amor batalhas, Venus interprezas;
onde quem Troya foi, campo se pinta:*

*Sentî deste meu mal nas asperezas,
e ouvî destas montanhas nos retiros,
que tambem vinheis a aliviar tristezas.*

*Oh se, eloquente e lingoa dos suspiros,
mostrar poderá destes longes duros,
de Amor os Lassos, e da Morte os tiros!*

*Que depressa dos Golfos mal seguros
do Mar da Corte, acautelada Vida,
se retirára deste Monte aos Muros!*

*Não se deseja ver convalecida
humã áncia (oh Fabio) que sarar pertende
num bem, que foi de humã Alma recahida.*

*Antes se vê, quão cego se arrepende
quem buscando os remédios no seu dano,
as fevres d'alma numa vista acende.*

*Vejamos, que hé relógio o Dezenzano,
que vendo-nos nos riscos de hora em hora,
nos não mostra os avisos de anno em anno.*

*Conhessamos da Vida (oh Fabio) agora,
quanto em sî, de sî mesma combatida,
como contrária se lamenta, e chora.*

*Em tais contrariedades vive unida,
que se Deos chamou pó á Essencia humana,
tambem Job chamou vento á humana Vida.*

*Se pois hé pó, e vento a mais ufana;
se do mesmo que vive, acha que morre:
que olhos cega este pó? que ar os engana?*

*Que Homem, que Fera nesta culpa incorre
se hé forsa emfim que os seus estragos beba,
hum pó que se levanta, hum ar que corre?*

*Que importa, pois, que ao mesmo Sol se [atrea]
esta Cinza vivente, em nuvem altiva;
se inda que erga o Sol, o Vento a leva?*

*Ordena a Ley da Parca executiva,
que mortal em sý mesmo o Ser vivente,
porque a minutos morra, a instantes viva.*

*Oh Fabio! Se quizera o mais prudente
pôr na cabeça o pó de seus antolhos,
e ter nesse ar da vista a dor presente!*

*Não cada qual dos Racionaes pimpolhos,
por ter mais ar, com ouro em pó quizera
ter o ár na cabessa, o pó nos olhos.*

*Mas, que vale isto? Se a mayor esfera
dos Troncos Racionaes, por ter mais folha,
se abrassa só coas ambições da hera?*

*E já sem medo de que a Morte os cõlha,
não se ólha o pó com que a Raiz se enterra,
se para o ár com que se créce, se ólha.*

*Por isso, já dos Seculos na Guerra,
o pó, que em pó se torna, o ár que he nada,
com o que éra no ár, se põe por terra.*

*Donde tarde a Razão deenganada,
chorando do Amor os Idolos cahidos,
e da Fortuna, a roda vã prostrada.*

*Não fasso eu os discursos refferidos,
(Fabio) contra esses vossos sentimentos,
de quem tenho os melhores apreheidos.*

*Mas porque possam ver meus escarmentos,
no pó do Mundo o vento dos enganos,
na paz da vida a guerra dos momentos.*

*Passam da vida cada hora os annos,
acaba a cada instante o que mais dura,
e a cada passo vem da Morte os dânos.*

*Tanto do fim prescripto se procura
ésta fatal, e aborrecida méta,
que ou Luz se apaga, ou sombra se apressura.*

*Menos rasga velos de vento a Seta,
que na esphera do Seculo, profana
este da Vida ephimeral Cometa.*

*Veleira Náo, que o cego vento engana,
sem sentir como arou Campos de neve,
não corre mais velóz, que a vida humana.*

*Tão pouco a Ave, que o ar, e os ventos bebe,
assim o estadio dessas nuvêns côa,
quando rápido Amor mais se lhe atreve.*

*Mas se no fim, o acerto não coroa
seu curso á Nao, que importa ao que navega,
á Seta o que acha, ao Passaro o que voa:*

*Se he pena, ver que a huã Ave outra se entrega;
que a Seta errando o alvo, perde o tiro;
que a Náo para perder-se ao porto chega.*

*Que será, ver no ultimo suspiro,
que o Porto se perdeu da Eternidade;
o ponto d'Alma, e dessa esfera o giro?*

*Oh que gloria será da Liberdade,
voar, ferir, correr ao Ceo de tudo,
da Luz ao Alvo, ao Mar da Immensidade!*

*Porem, se assim não for, pelo que eu cudo;
que ha de valer ser Náo no mais pompozo;
ser Aguia no Real, Seta no agudo?*

*Se pois de tanto Oceano enganozo,
já não quereis, que cada hora vibre
hum risco alegre, hum baixo cariciozo:*

*Das areyas, que ao Tejo enveja o Tibre,
fogi; pois bem que sejam de ouro areas,
são visgos cegos para huma Alma livre.*

*Fogî; que o doce Canto das Sereas,
podem no Coração, pellos ouvidos,
meter venenos, e lavrar cadeas.*

*Quando não, nesses Golfos fermentidos,
onde naufraga o proprio Entendimento,
será final destrosso dos Sentidos
o que era ultima taboa do escarmento*

Segundo o compilador António Correia Viana o poema está descrito nos seguintes termos: “Intimassões proveitosas moralmente discursadas pelo reformado Espirito do nosso Veneravel Autor Escritas a hum seu particular Amigo Persuadindo a que fuja dos Riscos da Corte, E se retire ao Sagrado da Rellegião”. O poema *Da academia de Marte, em cujo estudo / hé papel a campanha; o Sangue, tinta;* composto em tercetos e atribuído a Frei Antônio da Chagas, trata de conselhos destinados ao interlocutor Fábio, com o propósito de persuadi-lo a respeito dos perigos da vida na corte e seu entrelaçamento com a guerra, a fim de apresentar o que resulta deste encontro, enquanto *vanitas*. A vida cortesã e a guerra organizam o campo semântico das metáforas agudas e outras figuras poéticas presentes no escrito.

O poema foi transcrito do ms. 49-III-74, fl. 72-79, de Biblioteca da Ajuda, primeiramente compilado por António Carreira Viana. Pontes (1950) refere as

seguintes versões: Biblioteca Nacional de Portugal, ms. 3235 fl. 76, ms. 3566 fl. 267., ms. 6430 pg. 517, ms. 8576 fl. 127v., ms. 9322 fl. 324; Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, ms. 350 fl. 50; ms. 351 fl. 150.; ms. 384 fl. 273; ms. 400 fl. 202v.; no ms. particular *Melodia do mais doce cisne de Apolo António da Fonseca Soares* fl. 29; e ainda na Biblioteca da Ajuda o ms. 49-III-82, fl. 22.

Romance

(Heloísa Viccari Jugeick Beline)

De origem espanhola e popular, por vezes anônimo e com temática lírica ou histórica, o romance consiste em uma composição poética com redondilhas maiores, em linhas gerais, entretanto, podem ser construídos em versos decassílabos ou em redondilhas menores. A origem do termo vincula-se ao tipo de texto construído em língua popular, em oposição ao latim, considerado como língua literária no início da Idade Média, como legado do antigo império romano. Sendo utilizado, portanto, como sinônimo de vernáculo, conforme Tavares, o romance passou a designar as composições narrativas produzidas em vernáculo e tem proximidade com a balada medieval, marcada pela espontaneidade e pela liberdade formal.

O romance, considerado como um poema narrativo popular, é, geralmente, construído com versos livres e de extensão indeterminada, com rimas assonantes, consonantes ou até com versos soltos, são caracterizados pela presença do paralelismo, com a repetição da ideia-núcleo da primeira estrofe ao longo da forma poética, e pelo ritornelo, que consiste na presença de um refrão, frase repetida nos versos.

**Como! Que hé isto, meus Olhos,
onde îdes, minha Saudade?**

Romance

(Edição de Cristina Mascarenhas da Silva e Joelma Barbara da Silva
Damasceno)

*Como! Que hé isto, meus olhos,
Onde îdes, minha Saudade?
Tende-vos mão, Vida minha
Paray, meu Bem; não vos vades.*

*Meu adorado: que hé isto?
Como assim, por magoar-me,
quando eu por vós bebo os ventos,
vós îdes por esses áres?*

*Que foy isto, meus Amores?
Quem fez com que se tornassem
tantos requebros de firme
nos trocados de mudavel?*

*Quem vos pôs tão mal comigo,
que sendo, há poucos instantes,
vossa delicia assistir-me;
a vossa gloria hé deixar-me?*

*Que hé feito daquela grassa
com que hum tempo, meu Diamante,
não sendo assim "Deos nos Livre",
éreis todo hum "Deos vos goarde"?*

*Por valles, e por outeiros^{xxxiv}
vos dão vozes a meus males;
e vós todo feito a monte,
me deixais no ultimo vale.*

*Se na Paixão, que tivesteis,
morrendo de amor estaveis:
como agora, entre as caricias,
uzais destas Leviandades?*

*Se das passadas ofensas,
inda as Chagas vertem sangue:
mal faz quem quer ofendido,
se hé para ofender amante.*

*Mas lagrimas, de que servem?
suspiros, para que valem?
Se fazeis, que huns vos não cheguem;
por mais que outros vos não párem?*

*Pois, meu Bem, lá vos avinde:
ide muito embora; e baste,
que eu de Saudades morra,
antes que auzencias me matem.*

*Mas só vóz sois quanto adoro:
Não mais, não, minha Deydade:
Não quero com vosco guerras,
meus Olhos; fassamos pazes.*

*Vinde; tornai, meu Querido:
Consintam vossas piedades,
que de meu pranto a corrente,
ou vos prenda, ou vos alcance.*

*De justissa sois meu Sol:
E assim, pois me vêdes tarde;
bem hé, que essa Luz se ponha
destes meus olhos nos máres.*

*Mas se essa nuvem nos cobre,
meu Coração: não se estranhe,
que eu me esmoressa de triste,
ou de afligida me agaste.*

(Volta)

*Chorem pois vossa auzencia,
Lamentem meus pezares,
com mil prantos a mágoa,
com mil ays a Saudade:*

*Poderá ser, meus Olhos,
que querendo aliviarme,
as penhas^{xxxv} se enternessam,
e inda as Féras se humanem.*

O compilador António Correia Viana refere o poema nos seguintes termos: “À Assempção de Christo Nosso Senhor Com quem fala huma Alma abrasada no Amor Divino”. O poema utiliza a linguagem de um romance amoroso, forma poemática recorrente na obra do poeta António da Fonseca Soares, mas para dirigir-se a Cristo. Embora se refira a uma musa apaixonada, o vocativo simboliza o amor divino. Termos como *Meu adorado* (2^a estrofe), *Paixão* (9^a estrofe), *Chagas* (10^o estrofe), valendo-se da linguagem mundana para atingir o divino. Essa fórmula é bastante empregada no romanceiro fonssequiano.

Trata-se de um poema sem variante, que só consta do ms. 49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, fl. 81-86, organizado por António Correa Viana.

Décima

Heloísa Viccari Jugeick Beline

Esse tipo de composição, que nomeia a estrofe ou forma poética de dez versos, pode se distinguir em dois tipos: a décima medieval, presente a partir da lírica trovadoresca e usada até o século XVI, sobretudo Camões. Consistia na execução de duas quintilhas e separadas por uma pausa, correspondente à *copla real* espanhola. Já a décima clássica, também designada como *espinela*, em referência ao seu criador, o espanhol Vicente Espinel, no século XVI, é composta por uma quadra e por uma sextilha, geralmente em redondilhas maiores (sete sílabas métricas), e também separadas por uma pausa.

Na forma clássica, amplamente usada entre os séculos XVII e XVIII, a quadra corresponderia ao mote, e a sextilha, à glosa, sendo os dois últimos versos voltados à recolha, normalmente com o esquema rímico ABBA:ACCDDC. Considerada como um pequeno soneto, a décima vincula-se a temas líricos, satíricos e até epigramáticos, com crítica mordaz.

**Piedozo Senhor: já entendo
das sombras da minha Culpa,**

Gloza^{xxxvi}

(Edição de Amanda Mimoso Rodrigues Coelho e Jorge Luiz de Oliveira Costa)

1^a.

*Piedozo Senhor: já entendo
das sombras da minha Culpa,
nem por sombras ter desculpa
a Culpa em que vos ofendo.
Desde agora me arrependo;
que, como meu dezatino
me tem, com cruel destino,
continuamente em peccado:
sinto, de vóz apartado,
saudades de contino.*

2^a.

*Assim; na minha desgrassa
me dava a vossa memoria,
huns longes da vossa gloria,
huns pertos da vossa grassa.
Agora, com feliz trassa,
quero, Senhor, lamentar
a sem razão de peccar:
Assim; chorai olhos meus;
que ofender a hum Homem Deus,
todo o homem faz chorar.*

3^a.

*Mas ay, meu doce Jezus!
Que mui pouco tem de humano
quem, com odio tão tirano,
vos tiranizou na Cruz!
E pois, que ecclipsada a luz;
nas vossas Mãos chego a ver
Cravos, que sem as temer,
rompêram com mil agravos:
eu, meu Deos, com esses Cravos
estou para me romper.*

4^a.

*Neste pranto successivo,
fico, meu Jezus, absorto,
vendo-vos nessa Cruz morto,
sendo Filho de Deos vivo!
Mas se o odio mais activo,
fiz os penhascos quebrar;
e ao Ceo espedassar,
quando esse Peyto rasgou:
eu, meu Deos, tambem estou
em pontos de me rasgar.*

No manuscrito, o compilador António Correia Viana apresenta o poema nos seguintes termos: “Saudades de contino, todo o Homem faz chorar: Estou para me romper, em pontos de me rasgar. Gloza ao Divino Falando com Imagem de Christo Crucificado”. A glosa descreve a cena de Jesus na cruz pelo olhar do Homem (na perspectiva do eu lírico), o qual se arrepende dos pecados diários e as ações cometidas contra o Filho de Deus, mencionado no verso 22: “vos tiranizou na Cruz!”. Além de lamentar as injúrias sofridas por Jesus, o eu lírico nos fez sentir, com o uso do recurso retórico (*écfrase*) as ações, os sentimentos e os sinais de Cristo ao olhá-lo crucificado. Com isso, percebemos o apelo pictórico nessa cena da crucificação, pois precisamos interpretar o sinal do “Filho de Deos vivo” (v.34), posto em contradição coma imagem da morte, como que a tocar o coração daqueles que saibam amar e compreender seus ensinamentos, especialmente, demonstrado “quando esse Peyto rasgou”, no verso 38.

Transcrito do ms. 49-III-74, fl. 87-90 da Biblioteca da Ajuda, Portugal. Segundo os levantamentos feitos pelo GPMILA (2022) este poema, em especial, não foi copiado e nem referido em nenhum outro acervo, além deste, da Biblioteca da Ajuda.

**Meu Deus, Rey da Eternidade:
Com cuja Bondade Immensa,**

Décimas

(Edição de Dimas Caetano do Nascimento)

1ª.

*Meu Deus, Rey da Eternidade:
Com cuja Bondade Immensa,
parece que a minha ofensa
quis competir na Maldade!
Confesso, que nesta idade,
tanto o peccado me dana;
que pasmo; como tão lhana,
assim a sofrer se inclina
vossa Bondade Divina
a minha Maldade humana!*

2ª.

*Confesso, Senhor, que sou
hum Peccador de tal marca,
que tudo o que o Mundo abarca
de Malicia, em mim se achou.
Meu appetite, buscou
de sorte, o devertimento,
que nenhum peccado izento
me escapou da minha sobra;
e se algum não fiz por obra,
fazia por pensamento.*

3ª.

*Confesso, que sempre andey
ao vosso Mandado oposto,
seguindo a Ley do meu gosto,
e não vossa Santa Ley.
Não sey, meu Jezus, não sey,
como na minha cobissa,
vosso rigor não se atissa;
pois fiey, nesta discordia,
que éreis de Misericordia,
sem temer vossa Justissa!*

4^a.

*Confesso, que em tempos tantos,
dey meus ouvidos precitos,
mais a dictames malditos,
que a vossos auxilios santos.
Oh quantos, meu Deos, oh quantos,
tendo mui menos peccado,
tereis, meu Senhor, lançado
Lá nas pennas Infernais
E a mim, que meresso mais,
me tendes tanto esperado!*

5^a.

*E que seja eu tal, que vendo
tanto, Senhor, me esperais;
em vêz de vos amar mais.
cada vez mais vos ofendo!
Doido sou; pois não me rendo
a tanto Amor, rezoluto:
pois tão sêco, como enxuto,
perseverando no mal,
obro, sendo Racional,
peyor que se fôra Bruto.*

6^a.

*Confesso, que cada dia,
por mil motivos adjuntos,
cahia em novos assuntos,
mas no melhor não cahia.
Vejo, meu Deus, que corria
atrás de meu proprio dano:
E assim, hum anno, e outro anno,
com metros tão prevertidos,
busquey enganos fingidos,
sem nunca achar meu engano.*

7^a.

*Confesso, Senhor Bendito,
merecia sem desculpa,
castigada a minha Culpa
logo ao primeiro delito.
Mas vosso Amor Infinito,
e Vossa Immensa Bondade,
me dá tempo, e Liberdade,
que tendo arrependimento,
cobre com entendimento
o que perdê por vontade.*

8^a.

*Mas, meu Deus da minha vida;
admetê, para meu ganho,
ao vosso Santo Rebanho
ésta Ovelha tão perdida.
Já minha alma, compungida,
deixa da Culpa a existencia;
não por ter descomplacencia
do Inferno, bem merecido;
se não por ter ofendido
vossa Divina Clemencia.*

9^a.

*Bem sey vos busco; meu Deus,
muito tarde; e em tal estado,
que o Mundo, já de cansado,
me néga os afagos seus.
Mas se estes descuidos meus
são Remoras no perigo,
Vóz sois tão fiel Amigo,
que me esperais tanto annos;
tendo eu, pellos meus enganos,
bem merecido o Castigo.*

10^a.

*Mas já, que a minha desgrassa
vos tem, meu Deus, ofendido;
este Pródigo perdido,
recebey em vossa Grassa:
Mais que elle, no modo, e trassa,
pequey, meu Senhor, e assim;
compadecei-vos de mim;
pois hé, sem sombra de gabo,
Vossa Clemencia, sem cabo;
Vossa Bondade, sem fim.*

11^a.

*Já ser do Mundo me négo;
pois bem se deviza nelle,
que quem vos deixa, por elle,
sobre ser Louco, ainda cego.
Que mais fortuna, ou emprêgo;
que mais delicia, ou ventura,
que amar-Vos com fé mui pura:
se em Vóz, meu Bem, só se góza
tudo quanto, huma Alma Espoza,
anela por criatura!*

12^a.

*Já por Vóz, livre do enredo
minha Alma em incendios arde:
E se achais, Senhor, que he tarde;
pêza-me não ser mais sêdo.
Já deixo a atricção do medo;
já me sinto compelido
de hum pezar enternecido
de vos ter tanto agravado;
sendo Vóz digno de Amado,
e não de ser ofendido.*

13^a.

*Oh quem tivera tal pena,
e olhos tão penetrados,
que chorára os seus peccados
como fez a Magdalena!
Quem, com páz d'alma serena,
fôra tão bem succedido
como hum Pedro arrependido;
que nas agoas que chorou,
mais que nas do Mar, achou
o Bem, que tinha perdido!*

14^a.

*Se vosso Filho, Jezus,
com caridade crecida,
para que eu tivesse vida,
quis morrer em huma Cruz:
illustray, Senhor, com luz
o meu cego entendimento;
consiga, com complemento,
vigores de arrependido
quem foi com Sangue remido
de tanto merecimento.*

15^a.

*Se tanto custo, conhesso
lhe custou o meu peccado;
não permitais, que baldado
fique, meu Deus, tanto presso:
Pois inda, que não mereço,
por obrar mal, tanto bem;
fazey, meu Senhor, que quem
con Vosco tão mal se houve,
de hoje em diante vos louve
por sempre, sem fim: Amem.*

O Compilador António Correia Viana refere-se ao poema nestes termos: "A Christo Bem Nosso Vozes do pezar de o ter ofendido". Poema feito em quinze décimas, emula o ato de confissão dos peccados em termos de *mea culpa*; a oposição básica com a qual o poema se estrutura é entre a infinita misericórdia divina e as faltas humanas, entre a ley de Deus e o desejo humano e entre a luz da razão divina e o cego entendimento humano^{xxxvii}.

O poema foi transcrito e editado pelo GPMILA, em 2022, a partir do manuscrito BA - C.V. 49-III-74, fl.91-101, encontrado na Biblioteca da Ajuda, não

possuindo outras versões, senão esta, da coletânea de poemas compilados e editados por Antônio Correia Viana, no ano de 1776.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Impressas Citadas

CHAGAS, A. das (Frei). *Obras espirituais*. 1a. parte. Lisboa: Miguel Deslandes, 1684.

_____. *Obras espirituais*. 1a. parte. 2. Ed. Lisboa: Miguel Deslandes, 1688.

_____. *Obras espirituais*. 2a. parte. Lisboa: Miguel Deslandes, 1688.

_____. *Obras espirituais*. 2a. parte. Lisboa: Francisco Borges de Sousa, 1762.

_____. *Obras espirituais*. 2a. parte. Lisboa: Antonio Pedrozo Galrão, 1785.

_____. *Obras espirituais póstumas*. Lisboa: Miguel Deslandes, 1684.

_____. *Obras espirituais póstumas*. Coimbra: Joseph Ferreira, 1700.

_____. *Cartas espirituais*. Lisboa:..., 1684.

_____. *Cartas espirituais*. Lisboa:..., 1687.

_____. *Cartas espirituais*. Lisboa:..., 1701.

_____. *Cartas espirituais*. Lisboa, 1762.

_____. *Cartas espirituais*. Lisboa, 1939.

_____. *Ramalhete espiritual*. Lisboa, 1762.

_____. *Ramalhete espiritual*. Lisboa, 1764.

_____. *Sermões genuínos e práticas espirituais*. Lisboa, 1690.

_____. *Sermões genuínos e práticas espirituais*. Lisboa, 1707.

_____. *Sermões genuínos e práticas espirituais*. Lisboa, 1737.

_____. *Sermões genuínos e práticas espirituais*. Lisboa, 1762.

_____. *Escola de Penitência e flagelo de viciosos costumes*. Lisboa, 1687.

_____. *Escola de Penitência e flagelo de viciosos costumes*. Lisboa, 1738.

_____. *Escola de Penitência e flagelo de viciosos costumes*. Lisboa, 1763.

_____. *Desengano do mundo pelo mais enganado dele*. Coimbra, 1743.

_____. *Espelho do espírito*. Lisboa, 1863.

- _____. *Lágrimas e faíscas do amor divino*. Lisboa, 1663.
- _____. *Padre Nosso comentado*. Lisboa, 1688.
- _____. *Carta escrita a seu amigo depois de ser religioso*. Lisboa, 1738.
- _____. *Fugida para o deserto e desengano do mundo*. Lisboa, 1752.
- _____. *Fugida para o deserto e desengano do mundo*. Lisboa, 1756.
- _____. *Suspiros de saudades de Deus*. Coimbra, 1830.
- _____. *Desejos piedosos*. Lisboa, 1688.
- _____. *Desejos piedosos*. Lisboa, 1725.
- _____. *Contrição de um pecador arrependido*. Lisboa, 1685.
- _____. *Quatro elegias em tercetos portugueses*. Coimbra, 1745.

GODINHO (Pe), M. *Vida virtudes, e morte com opinião de santidade do venerável Padre Frei António das Chagas*. 2. Ed. Lisboa: Oficina de Francisco Borges de Sousa, MDCCLXII.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário Houaiss*. UOL, S/D: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1>).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário Houaiss*. UOL, S/D:< https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#3>

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário Houaiss*. UOL. s/d: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2>

MORAES, Carlos Eduardo Mendes. *A Academia Brasileira dos Esquecidos e as Práticas de Escrita no Brasil Colonial*. São Paulo, 1999. 312 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

OSAN, J. M. de. *Eccos que o clarim da Fama dá: Postilhão de Apollo montado no Pegazo, girando o Universo para divulgar ao Orbe Literairio... Ecco I*. Lisboa: Oficina de Francisco Borges de Souza, MDCCLXI.

OSAN, J. M. de. *Eccos que o clarim da Fama dá: Postilhão de Apollo montado no Pegazo, girando o Universo para divulgar ao Orbe Literairio... Ecco II*. Lisboa: Oficina de Francisco Borges de Souza, MDCCLXII.

PONTES, M. L. B. *Bibliografia de António da Fonseca Soares*. Lisboa: Instituto Português de Filologia, 1950.

_____. *Frei António Das Chagas: Um Homem e um Estilo Do Século XVII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953.

SILVA, I. F. da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Tomos 1 e 22. Lisboa: Imprensa Nacional, MDCCLVIII.

SYLVA, Mathias Pereira da. *A Fenix Renascida, ou obras poéticas dos melhores Engenhos Portuguezes*. I Tomo. Lisboa: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, 1746.

_____. *A Fenix Renascida, ou obras poéticas dos melhores Engenhos Portuguezes*. II Tomo. Lisboa: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, 1746.

_____. *A Fenix Renascida, ou obras poéticas dos melhores Engenhos Portuguezes*. III Tomo. Lisboa: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, 1746.

_____. *A Fenix Renascida, ou obras poéticas dos melhores Engenhos Portuguezes*. IV Tomo. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Emin. Senh. Card. Patr., 1746.

_____. *A Fenix Renascida, ou obras poéticas dos melhores Engenhos Portuguezes*. V Tomo. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Emin. Senh. Card. Patr., 1746

SILVA, Inocência Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Estudos de aplicáveis a Portugal e ao Brasil. Tomo vigésimo segundo (Décimo quinto do suplemento). Lisboa: Imprensa Nacional, M CM XXIII (disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5429>. Acesso em 28/04/2022 às 10h12m.

SILVA, J. M. da C. e. *Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes*. Lisboa: Imprensa Silviana, 1850. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=91874>. Acesso em 25/06/2022 às 11h55m.

STAIGER, Emil. *Conceptos Fundamentales de Poética*. Trad. Jaime Ferrero. Madrid: RIALP, 1966, p. 98.

TAVARES, H. U. C. *Teoria literária*. 9 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989, p. 226-8.

Fontes Manuscritas Citadas

BIBLIOTECA DA AJUDA, Manuscrito 49-III-74. *Poezias sacras, e Moraes que vagam manuscriptas de Frey Antonio das Chagas Religiozo Professo na Religião Serafica e Fundador do Convento de Varatojo que se chamou no Século Antonio da Fonseca Soares*. 1º. Tomo. Adquiridas de diversos pecúlios, juntas, e distribuhidas na ordem que aqui se mostrão; e escritas por Antonio Correya Vianna. Lisboa: 1776.

BIBLIOTECA DA AJUDA, Manuscrito 49-III-76. *Obras em que se incluem Romances Liricos de Antonio da Fonseca Soares ... 3º. Tomo das obras do dito Autor ... Lisboa, 1777.*

BIBLIOTECA DA AJUDA, Manuscrito 49-III-82. *Obras métricas de Antonio da Fôceca*. [s.d.]

BIBLIOTECA DA AJUDA, Manuscrito 49-III-83. *Obras varias de Frei Antonio das Chagas, que no seculo se chamou Antonio da Fonseca Soares, e as compôs sendo ainda secular*. [s.d.].

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, manuscritos 338, 345, 350, 351, 357, 364, 385, 392, 2998.

OBRAS Várias Poéticas de Diversos Autores. Tomo 1.

Posfácio

A responsabilidade do GPMILA

Conhecer um dos aspectos da poesia de António da Fonseca Soares, no caso, a vertente religiosa, não acontece por acaso nas atividades do GPMILA. Respeitando a ordem de apresentação dos poemas nos manuscritos da Ajuda, iniciamos nossa coleção por esses, que abrem também a coleção manuscrita.

São os primeiros porque, ao longo dos estudos que se realizam acerca da expressão poética em língua portuguesa entre os séculos 16 e 18, tratou-se de uma hierarquia temática que o editor António Correia Viana fez prevalecer no seu trabalho: a poesia religiosa antecedeu à poesia heroica, que, por seu turno, antecedeu à lírica e à satírica. Assim, observamos que a disposição nos manuscritos foi igual àquela da tradição lusófona.

Em outro aspecto, a responsabilidade do GPMILA passa pelo reconhecimento que vem recebendo da comunidade acadêmica: os poemas apresentados resultam de projeto que se desenvolveu na Faculdade de Ciências e Letras de Assis e foi levado a termo graças ao financiamento público em bolsa de auxílio à pesquisa concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (Proc. 2016/17138-3 - AUXPE e Proc. 2017/09111-0 Bolsa TT-III); instituição à qual todos os integrantes do GPMILA manifestam reconhecimento e agradecimento pela concessão.

Por fim, o GPMILA reconhece como sendo sua obrigação acadêmica a divulgação de resultados de projetos desenvolvidos e financiados com dinheiro público, como forma de prestação de contas à sociedade, como forma de respeito e difusão das atividades que dizem respeito à memória da língua portuguesa e, como última e não menos importante função, atender às exigências de formação constante, quando aliado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Assis.

Desejamos a nossos Leitoras e Leitores um agradável contato com a *Poesia Sacra de António da Fonseca Soares!*

Assis, SP, junho de 2022.

Carlos Eduardo Mendes de Moraes
(Líder do GP Manuscritos e Impressos Luso Americanos)

Notas

ⁱ São elas: *Obras espirituais* (2 volumes, 6 edições); *Obras espirituais póstumas* (5 edições); *Cartas espirituais* (aproximadamente 300 cartas, 6 edições); *Sermões genuínos e práticas espirituais* (4 edições); *Escola de penitência e flagelo* (4 edições); *Ramalhete espiritual* (2 edições); *Desengano do mundo*; *Espelho do espírito*; *Lágrimas e faíscas do amor divino*; *Padre Nosso comentado*; *Carta escrita a seu amigo depois de ser religioso*; *Fuga para o deserto*; *Suspiros de saudades de Deus*; *Desejos piedosos*;

Contrição de um pecador arrependido; e *Quatro elegias em tercetos portugueses*.

ⁱⁱ Estacion más bela: Referência à juventude.

ⁱⁱⁱ Marte (L. Mars). Deus romano muito antigo, presente já na mitologia itálica, mas identificado depois com o Ares do panteão grego. Na Roma clássica Marte era o deus da guerra, a exemplo de Ares na Grécia. Os escudos sagrados (ancilia) eram carregados por seus sacerdotes – os Sálios (v. Mamúrio) – em volta da cidade no mês de março, dedicado ao deus, e seu altar situava-se no Campus Martius. (KURY, 2009, p.216)

^{iv} Mayor Soldado: infere-se a ideia do eu lírico deixar de ser um soldado de guerra, que servia a Marte, para tornar-se um soldado de Cristo, um frei.

^v Sayal: era um tecido grosso utilizada antigamente para confeccionar hábitos/vestes religiosas.

^{vi} Divino Sol: referência a Deus

^{vii} Ulisses (G. Odysseus). Filho de Laerte (ou de Sísifo) e de Anticleia (vv.), nascido na ilha de Ítaca, situada no mar Jônio. Ulisses teria sido discípulo do centauro Quíron (v.), à semelhança de Aquiles (v.) e de outros heróis gregos, e nessa época foi ferido no joelho durante uma caçada a javalis no monte Parnasso. Essa ferida deixou uma cicatriz permanente, graças à qual foi possível o seu reconhecimento por ocasião de sua volta de Troia. Em sua juventude Ulisses viajou à Lacedemônia; lá ele foi hóspede de Ítoto (v.), que lhe ofereceu como penhor de hospitalidade o arco de Êurito (v.); Ulisses serviu-se mais tarde desse arco para matar os pretendentes à mão de Penélope (v.), sua mulher. Chegando à idade adulta Ulisses recebeu de seu pai o trono de Ítaca, e logo depois pensou em casar-se com Helena, a filha de Tíndaro (v.) cobiçada por todos os gregos ilustres da época. Entretanto, o número excessivo de pretendentes levou-o a cortejar Penélope, filha de Icário (v.) e prima de Helena. Querendo ainda assim ser agradável a Tíndaro, Ulisses sugeriu-lhe um stratagem com o objetivo de poupar-lhe aborrecimentos em face de tantos pretendentes à sua filha: Tíndaro

deveria obter de cada um deles o juramento de acatar a escolha de Helena e de apoiar o escolhido no caso de alguém querer arrebatá-la a mulher. Esse juramento uniu os chefes gregos em torno de Menelau (v.), o preferido de Helena, quando Páris (v.) raptou-lhe a mulher. Grato a Ulisses pela ideia, Tíndaro ajudou-o junto ao seu irmão Icário em sua pretensão de casar-se com Penélope (em outra versão da lenda Ulisses ter-se-ia casado com Penélope por haver vencido uma corrida de carros cujo prêmio era a sua mão). Do casamento de Ulisses com Penélope nasceu um filho chamado Telêmaco. (KURY, 2009, p. 338)

viii Babilônia: No plano dos símbolos, Babilônia é a antítese da Jerusalém celeste e do Paraíso. Entretanto, de acordo com sua etimologia, Babilônia significa porta do deus. Mas o deus sobre o qual essa porta se abre, se bem que em certa época tenha sido buscado nos céus, no sentido do espírito, perverteu-se em homem e naquilo que o homem existe de mais vil: o instinto de dominação e o instinto de luxúria, erigidos em absoluto. “Essa cidade é tão magnífica”, escrevia Heródoto, “que não há no mundo cidade alguma que se lhe possa comparar”. Seu cinturão de muralhas e seus jardins suspensos incluíam-se entre as sete maravilhas do mundo. Tudo foi destruído, pois era tudo fundado sobre valores unicamente temporais. O símbolo de Babilônia não é o de um esplendor condenado por sua beleza, mas o de um esplendor viciado, que a si próprio se condenou ao desviar o homem de sua vocação espiritual. Babilônia simboliza o triunfo passageiro de um mundo material e sensível, que exalta apenas uma parcela do homem e que, conseqüentemente, o desintegra. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2021, p. 160)

ix Cilício: 1. antiga veste ou faixa de crina ou de pano grosseiro e áspero us. sobre a pele por penitência. 2. cinto ou cordão eriçado de cerdas ou correntes de ferro, cheio de pontas, com que os penitentes cingem o corpo diretamente sobre a pele. (HOUAISS, 2001, p. 717)

x Thebayda: Tebaida sf. (1793 et AGC) fig. retiro, profunda solidão, ermo © ETIM lat. adj, thebais, des de ou relativo à cidade de Tebas, na Beocia, Grécia; subst. lat, thebdis,ides habitante da cidade de Tebas, no Egito, p.ext.; 'retiro, isolamento, por terem vivido nessa região do Egito os eremitas dos primeiros tempos do cristianismo; f.hist. 1874 thebaida. (HOUAISS, 2001, p. 2682)

xi Quimera. Substantivo feminino 1 Mitologia Grega monstro mitológico que se dizia possuir cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente e lançar fogo pelas narinas 2 *por metáfora* montanha da Lícia (Grécia) onde supostamente habitava esse monstro, ou o vulcão dessa montanha, do qual o monstro é considerado personificação mítica 3 *por extensão da aceção* 1 qualquer representação de animal fantástico, composto de partes de animais diferentes, sejam eles reais ou imaginários. 3.1 **Arquitetura, Escultura, Pintura** monstro ou animal grotesco, pintado ou esculpido, principalmente como elemento

decorativo ou arquitetônico (*por extensão*, em gárgulas). **3.2 Heráldica** figura de animal com busto ou seios de mulher. **4** figurativo, *por analogia* qualquer ser ou coisa ameaçadora, ou que causa horror, medo ou susto [...]. **5** (1619) *por metáfora*. Produto da imaginação, sem consistência ou fundamento real; ficção, ilusão **5.1** *por extensão*. fantasia, sonho, esperança ou projeto geralmente irrealizável; utopia [...] **6** *por metáfora* união ou combinação, real ou fantástica, de elementos diversos num todo heterogêneo ou incongruente. **6.1** *por extensão*. algo a que falta unidade, coesão ou coerência; despropósito, disparate, absurdo [...].

xii O convento foi construído pelos membros da Ordem na primeira metade do século XVII, na Mata Nacional de Bussaco (ou Buçaco), município Mealhada, distrito de Aveiro, em Portugal. O convento funcionou ali de 1630 a 1834, quando as ordens religiosas masculinas foram extintas. A mando do Rei Dom Carlos I, no local, foi construído - de 1888 a 1907 - o Palácio de Bussaco, em homenagem à Epopéia dos Descobrimentos Portugueses. O palácio é de estilo arquitetônico "Romantismo Castelar", tendência da Europa no final do século XIX. Atualmente, no local, funciona o Palace Hotel de Bussaco.

xiii Fimbria é definida como aquilo que se relaciona à febre, nos conventos religiosos, definida pelo dicionário Raphael de Bluteau (<https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/?q=FIMBRIA>).

xiv Refere-se à sanidade.

xv No sentido figurado significa inflexível, insensível ou que não se deixa persuadir.

xvi Clori/Cloris: Uma ninfa filha de Anfíon, casada com Neleu (v.), rei de Pilos, de quem teve um filho e doze filhas, dos quais somente o filho - Nêstor - sobreviveu à fúria assassina de Heraclés. (vv.). Seus atributos confundem-se com os de Flora (v.), com a qual parece assimilar-se na mitologia romana. (KURY, 2009, p. 74)

xvii Refere-se a saudade ou estado de tristeza.

xviii Timantes foi um famoso pintor da Antiga Grécia (IV a.C), embora hoje não haja pinturas conservadas, encontramos descrito pelo escritor romano Plínio, O velho (23-79 d.C), em sua obra História Natural, destacado um célebre afresco de Timantes o "Sacrifício de Ifigênia".

xix Apeles era o renomado pintor da Grécia Antiga (IV a.C). Sabe-se através dos autores como: Plínio, o Velho (em sua História Natural), Estrabão, Luciano de Samósata, Ovídio, Petrônio e entre outros autores os quais deixaram informações

suficientes sobre sua vida e trabalhos na corte de Filipe da Macedônia e depois de seu filho, Alexandre o Grande. Tais descrições permitiram Apeles exercer uma influência de modo indireto nos pintores da Renascença.

xx Flora, na mitologia romana, era a deusa da fecundidade da natureza.

xxi Monomotapa era um Império que floresceu entre os séculos XV e XVIII, localizado atualmente na região sul entre o planalto do Zimbábue e o Oceano Índico. As minas de ouro e prata teria sido a razão principal dos portugueses pela conquista desse território.

xxii Rubins é o plural de rubim significa o mesmo que rubi.

xxiii Refere-se ao país insular ao sul da Índia, situado no Oceano Índico, atualmente conhecido como Sri Lanka (país na Ásia Meridional)

xxiv Eternos Estatutos, referem-se na *Bíblia Sagrada* aos dez mandamentos, ou decálogo, que consistem nas regras dadas por Deus ao seu povo.

xxv Adjetivo poético, que dá ou traz luz.

xxvi Relativo à antiga Hircânia era uma satrapia na região da Ásia junto do mar Cáspio.

xxvii Tanque, em que repousa o líquido, escorrido dos bagaços de azeitona, nos lagares de azeite.

xxviii Broto da videira.

xxix Revela ou sente alegria, felicidade; risonho.

xxx Relativo à pedra; pétreo.

xxxi A poesia caracteriza-se pelo uso de imagens e sentimentos por vezes sublimes.

xxxii O Instituto: jornal científico e litterario. Google Livros, 2011. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=QRUfAQAAMAAJ&pg=RA4-PA139&lpg=RA4-PA139&dq=NESTA+ESCONDIDA,+E+MUDA+SOLEDADE,+/+DE+CUJAS+SOMBRAS+A+MELHOR+PINTURA,&source=bl&ots=3OkVFu11pi&sig=ACfU3U2UXLo5I1yV7Py9uaWTKZhypK9ekg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiijaXEpcH4AhX8vJUCHUrvDc8Q6AF6BAgaEAM#v=onepage&q=NESTA%20ESCONDIDA%2C%20E%20MUDA%20SOLEDADE%](https://books.google.com.br/books?id=QRUfAQAAMAAJ&pg=RA4-PA139&lpg=RA4-PA139&dq=NESTA+ESCONDIDA,+E+MUDA+SOLEDADE,+/+DE+CUJAS+SOMBRAS+A+MELHOR+PINTURA,&source=bl&ots=3OkVFu11pi&sig=ACfU3U2UXLo5I1yV7Py9uaWTKZhypK9ekg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiijaXEpcH4AhX8vJUCHUrvDc8Q6AF6BAgaEAM#v=onepage&q=NESTA%20ESCONDIDA%2C%20E%20MUDA%20SOLEDADE%20)

2C%20%2F%20DE%20CUJAS%20SOMBRAS%20A%20MELHOR%20PINTURA
%2C&f=false

^{xxxiii} Destaca-se, por exemplo, dentre outras, a estrutura de argumentos com a figura e simbolismo do termo “Lavra”, que a princípio remete ao simples ato de lavar a terra. Entretanto, a evolução dá-se para “pedra de Ara”, obra de exímio artífice, que representa a peça que, como engaste, vê-se posicionada ao centro do altar, em pequena cavidade, *quase sempre esculpida em mármore*, destinada a ser recipiente de relíquias de mártires. Em orifícios esculpidos na peça, normalmente acondicionavam-se estilhas de ossos de personagens importantes para a história da Igreja. A imagem, nesse contexto, representa o coração do fiel, renovado pela conversão e iniciativa de recolher-se à clausura.

^{xxxiv} **Outeiro.** 1. Pequena elevação de terreno; colina, monte. 2. Festa em pátio de convento. Etim. Lat.: *altariūm, ũ* no sentido de 'altar; a parte mais alta do altar'; f.hist. sXIII *outeiro*, s XIII *outeyros*, 1365 *outeiuro*.

^{xxxv} **Penha** cf. *Geomorfologia*:

grande massa de rocha saliente e isolada, na encosta ou no dorso de uma serra

^{xxxvi} A glosa é um apontamento utilizado para desenvolver uma temática, assim como elucidar palavras-chaves citada no poema.

^{xxxvii} Um dado biográfico que chama a atenção no poema é a referência ao abandono da expressão poética com temas da vida, para abraçar a escrita em nome da religião.



ORGANIZADOR

Carlos Eduardo Mendes de Moraes é Professor Assistente Doutor II, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP, Câmpus de Assis. É Graduado em Letras (Português/Francês) e Mestre (Literatura Brasileira) pela UNESP de São José do Rio Preto; Doutor (Letras Vernáculas e Clássicas) pela USP, com estágio de Pós-Doutorado pela Universidade de Coimbra, Portugal.

Seu foco de pesquisa é a leitura e edição de manuscritos relativos ao eixo Brasil-Portugal no período compreendido entre os séculos 16 e 18, visando principalmente aos estudos histórico-literários. Nesse sentido, liderou o grupo de pesquisa "A escrita no Brasil Colonial e suas relações" (1995-2021), atualmente pela sigla GPMILA - Grupo de Pesquisa Manuscritos e Impressos Luso Americanos. É autor de diversos artigos e organizador de dois livros, *Erotismo e Religiosidade* (São Paulo: Cultura Acadêmica Unesp, 2013) e *Capítulos Luso Americanos* (Assis: Cultura Acadêmica da Unesp, 2019).

O poeta António da Fonseca Soares / Frei António das Chagas tem sido objeto de suas pesquisas desde o ano 2000. Os resultados foram apresentados em diversos eventos científicos, tendo recebido financiamentos públicos de diversos órgãos: FAPESP (Pós-Doutorado, proc. 2001/054520-0; Auxílio à Pesquisa 2026/017138-3; Supervisão de Treinamento Técnico, proc. 2017/09111-0); Unesp (Verba PROAP-PPGL 2021/2022), além de auxílios para participação em eventos nos quais versou sobre o assunto.

A publicação que ora se apresenta resulta do processo de transcrição dos manuscritos adquiridos na Biblioteca da Ajuda, de Portugal, por ocasião do desenvolvimento do projeto FAPESP de auxílio à pesquisa.

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

A POESIA SACRA DE ANTÓNIO DA FONSECA SOARES

Do manuscrito 49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, Portugal

Carlos Eduardo Mendes de Moraes
Organizador



2022

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

A POESIA SACRA DE ANTÓNIO DA FONSECA SOARES

Do manuscrito 49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, Portugal

Carlos Eduardo Mendes de Moraes
Organizador



2022